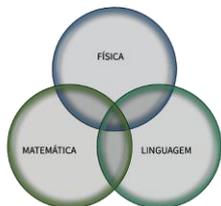


Existencialismo Metafísico

ROMILDO ARAÚJO MACHADO

O DISCURSO
RELIGIOSO

Editora Eumermo
2015 - Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil



Existencialismo Metafísico

ROMILDO ARAÚJO MACHADO

O DISCURSO RELIGIOSO

Capa, Diagramação, Revisão, Edição: Editora Eumermo

Ficha Catalográfica

Machado, Romildo Araújo

O DISCURSO RELIGIOSO./ Romildo Araújo Machado, 1ª ed.

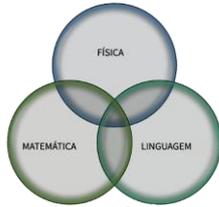
Belo Horizonte/MG, 2015

1 – Conscienciologia – Letras – Escrita – Linguagens

ISBN: 9781729158289

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com

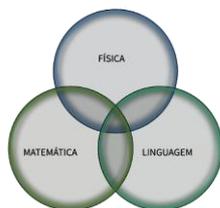


Existencialismo Metafísico

“Conheça-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o Universo”. Frase atribuída a Sócrates e fixada na porta de entrada do oráculo de Delfos. Pleonasmo proposital.

“Penso, logo existo”. Frase atribuída a Descartes.

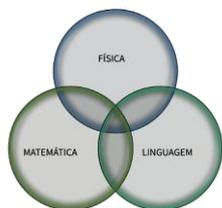
A Ciência dividiu o Conhecimento em Sujeito e Objeto. Sócrates e Descartes sugeriram que o Conhecimento deveria partir do Sujeito e assim resolver as questões existenciais. A Ciência e a Tecnologia moderna isolaram o Sujeito e partiram em direção do Objeto. Elas enterram o idealismo e humanidade se torna uma máquina sem sentido.



Existencialismo Metafísico

ÍNDICE

- 1 – Disposições Iniciais
- 2 – Comunicação, Linguagem e Pensamento
- 3 – Objetividade e Subjetividade
- 4 – As Linguagens Diversas
- 5 – Português Padrão
- 6 – Linguagem Jornalística
- 7 – Linguagem Literária
- 8 – Linguagem Administrativa
- 9 – Linguagem Científica
- 10 – Linguagem Religiosa
- 11 – Texto: Linguística Textual
- 12 – Coerência e Coesão
- 13 – As escritas Sagradas e as Letras
- 14 – Texto Narrativo
- 15 – Texto Descritivo
- 16 – Texto Dissertativo



Existencialismo Metafísico

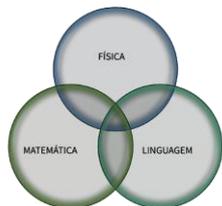
17 – O Discurso Religioso

18 – Disposições Finais

19 – Síntese das Letras

20 – Anexos

21 – Bibliografia



Existencialismo Metafísico

1 – Disposições Iniciais

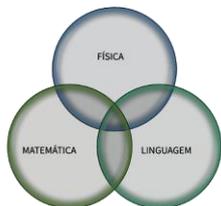
O homem religioso interage e integra com a sua comunidade religiosa. Mas sem a linguagem, ele não interage com os outros fieis e com o clero. Sem o conhecimento das regras de comunicação, o homem pode estar apenas presente num templo, mas não integrado ao sistema teológico. Daí a importância da palavra, falada e escrita, nas religiões. Com ela que a Igreja nas pessoas de seu clérigo se potencializa.

O discurso religioso é uma entidade imaterial, dentro da fala ou escrita, com finalidade ideológica. Análise do Discurso considera construções ideológicas presentes num texto ou fala dentro de um contexto histórico-social. Significa que o discurso não é um produto individual. O padre ou pastor reflete uma visão de mundo determinada pelo sistema eclesiástico. A interpretação da Bíblia implica um sistema religioso com determinada identidade religiosa, social e histórica.

A escrita sagrada das religiões exalta um deus, mas não se incomodam com os mitos, contradições, ambiguidades e deslizes históricos e redacionais. Esta escrita e o discurso religioso induz a fé cega de textos. Nada retira a verdade absoluta das escritas sagradas para seus seguidores, nem mesmo contradições e nem mitologias que permeiam todas as escrituras religiosas. A canonização de textos os torna sagrados e por isto imutável.

O pensamento nos torna humano, permitindo a evolução. Este atributo humano admite a racionalidade de fatos, ao invés de fundamentalismos, ideologias, emoções que podem levar a violência. Dogmas religiosos ceifam o pensamento e anulam a razão. Repetidas ao extremo, as escrituras sagradas promovem a lavagem cerebral.

A obra visa demonstrar esta ideologia com a análise do discurso religioso. Também quer mostrar a linguagem religiosa dentre outras e análise de textos religiosos sob a ótica Linguística e da Literatura. Mas não quer definir institutos religiosos e linguísticos, apesar das religiões ainda adotarem o absoluto. Definição tem caráter absoluto, imutável e exigiria uma linguagem técnica, hermética e a almejada precisão.



Existencialismo Metafísico

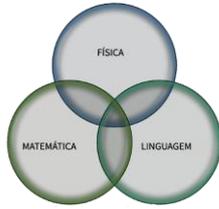
Como não há intenção de um estudo profundo das religiões, nem da Linguística ou Literatura, proporemos conceitos e classificações didáticas. Não haverá definições ou classificações absolutas, pois a ciência deixou de aceitar o absoluto. Em tempos de física quântica e relatividade, a academia e a ciência não gostam de falar em definições e conclusões, mas sim em conceitos e considerações finais, próximos da relatividade e da física quântica.

Uma coisa é informação, outra conhecimento, outra, mais profunda, sabedoria. Quando integramos as informações, temos o conhecimento. Quando integramos o conhecimento, temos a sabedoria. O conhecimento tende a completar e com muito mais cabimento entre essas duas áreas do saber, já que palavra e religião estão imbricadas. A ciência fragmentou o conhecimento, mas passou, no século XX, a promover a integração de áreas do conhecimento. A dita interdisciplinaridade. A Pedagogia adotou esta ideia e conceito.

2 – Comunicação, Linguagem e Pensamento

As espécies de vida trocam informações para se reproduzirem e sobreviverem em seu ambiente hostil. Cachorros e também outros animais marcam seu território com urina. Utilizam seu xixi para mandar uma mensagem de dominação territorial ou disponibilidade para o coito. Animais enviam mensagens em forma de rituais de sedução, dança e cortejo para acasalamento.

O homem também utiliza a comunicação para sobreviver, no entanto, mais complexa. Sua fala ou linguagem permite a troca de informações simples até a formulação de complexas equações matemáticas e conceitos abstratos. Não se sabe quando surgiu a fala, quando nossos antepassados deixaram a comunicação usadas pelos animais para uma proto-linguagem. Especula-se em torno de 100.000 anos, esta passagem. Uma teoria em sintonia com a evolução assevera que gestos precederam a criação de algumas palavras simples e concretas. Com o



Existencialismo Metafísico

tempo, os gestos foram perdendo força para os verbos, palavras abstratas e os diferentes mecanismos linguísticos até a chegada da comunicação mais complexa.

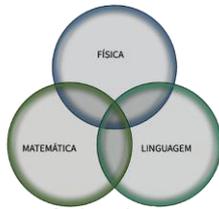
A escrita surgiu recentemente em termos de história da humanidade, considerando que o homem surgiu por volta de 3 milhões de anos atrás. Há quem diga que as pinturas rupestres foram as primeiras escritas, pois continham uma mensagem transmitida. Entretanto atribuem-se, comumente, as primeiras escritas aos sumérios, momento em que surge a história. Em 3.300 a.C. (segundo o teste do carbono 14), em Uruk (encontrada no atual Iraque), foi produzida uma tábua de argila com escrita cuneiforme. No Egito, a escrita ocorreu depois do ano 3.000 a.C. e na China depois do ano 2.000 a.C.

A Suméria produziu um fato histórico importante na vida do homem: o nascimento da 1ª civilização. Descendentes de agricultores desenvolveram a irrigação, geraram excedentes e tornou a vida complexa. O povo sumério desencadeou um movimento que geraria o Estado, classes sociais, religião, escola (para escribas) e a escrita, considerados elementos principais de uma civilização.

Surge o relevante personagem histórico, Escriba, para registrar a produção agropecuária, pagamento, vida civil e, assim, preservar as informações. Utilizavam os pictogramas (palavras/imagem) para representar objetos inicialmente, ideias e sons posteriormente. Com representações de imagens (ex. boca), juntadas a outras (ex. água), conseguia-se expressar ideias abstratas (ex. beber). O desenho de uma boca unido ao desenho de água representava o verbo beber. O sistema foi complicando e adotaram a metáfora, quando boca, além de objeto, passou a representar o ato abstrato de falar.

O instrumento de escrita sumeriano, o estilete, tinha a forma triangular em sua ponta, na forma de cunha, donde ficou conhecida como escrita cuneiforme. Os escribas sumérios conseguiam expressar por escrito tudo o que poderia ser falado. Na escola sumeriana, os alunos decoravam e copiavam sinais, passavam ao estudo da gramática, depois redação de frases e história, para então registrar contratos e documentos públicos.

A complexidade da sociedade exigiu leis escritas para regular o comportamento das pessoas. A mais antiga lei escrita, do século XXI a C, do rei Ur-Nammu, mil anos antes dos 10 mandamentos, prescrevia multa em vez de castigo. O sistema judiciário era composto por um



Existencialismo Metafísico

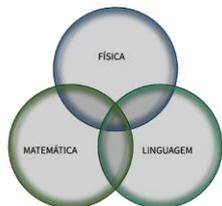
corpo de juízes-anciãos, com depoimentos feitos sob juramento, em que as sentenças tinham apelação. A política, como sempre, destruiu esta civilização. Mas sua semente prosperou pela região e mais tarde surgiu a criação do alfabeto pelos fenícios e gregos. Depois o latim, língua do império romano, influenciou todo Ocidente.

O uso da linguagem permitiu uma evolução acelerada através da preservação e transmissão do conhecimento. Com o avanço tecnológico, a escrita tornou mais popular e com a velocidade cada vez maior em todo planeta. O mundo hodierno permitiu a todos escrever um turbilhão de informações. Porém cabe a cada um separar as informações úteis para construir seu conhecimento, sua sabedoria e a sua verdade.

O homem vive em sociedade e com ela se inter-relaciona. Usa a comunicação para interagir e integrar com seus membros. Somos o que falamos. Indivíduos se comunicam para manter integrados ao seu grupo social e se não comunicam, não estão integrados, mas apenas reunidas e não formam uma comunidade. Como diria o velho guerreiro Chacrinha: “quem não se comunica se trumbica”.

A comunicação envolve alguém que envia uma informação para outrem. Em Linguística, um emissor que envia uma mensagem para um receptor. Tal comunicação pode ser feita de várias formas: pela linguagem, mímica, olhar, gestos, telex, sinal de fumaça, como faziam antigamente os índios, e por e-mail, como fazem modernamente a sociedade. A linguagem tornou-se o mais comum e eficaz instrumento de comunicação. A partir do conhecimento das regras (ortografia, morfologia, sintaxe e semântica), a linguagem falada ou escrita permite a participação do indivíduo no processo de comunicação de um determinado grupo. Isto nos leva a identidade religiosa, social, linguística, jurídica, cultural, a depender de qual grupo fazemos parte. Abordaremos a linguagem escrita de alguns grupos, especialmente a religiosa, objeto desta obra.

Apesar da referência ao órgão bucal, estudiosos da Linguística não têm uma definição para língua e linguagem. Esta tem um aspecto pragmático, enquanto aquela, abstrato. A língua depende de concepções de sujeito, texto e sentido, mas costuma-se atribuí-la como um sistema de signos, regido pelas variáveis fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas. A linguagem pode ser conceituada como: uma das formas de apreensão da realidade; uma faculdade mental para representar estados mentais; uma forma de comunicação, entre outros.



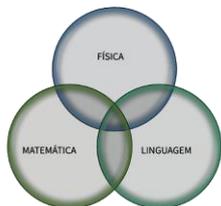
Existencialismo Metafísico

Quando pensamos num fato ocorrido em nosso trabalho, estamos criando em nossa mente outra realidade. Uma realidade virtual, paralela e longe do fato que aconteceu fora de nossa mente, mas sim no trabalho. Todos percebem o fato real da mesma maneira. Entretanto cada pensador tem um sistema particular de valores. O mundo que pensamos é um simulacro do real que passa pelos filtros e valores de cada um. Esse mundo (universo paralelo), que existe na mente do homem criado pela linguagem, é o que chamamos de visão do mundo. Deste ângulo, somos o que pensamos.

Do prisma linguístico, a realidade só tem existência para os seres humanos quando é nomeada. O mundo existe independentemente das pessoas, mas só atentamos para as coisas por intermédio da linguagem. Nós percebemos e diferenciamos os objetos e ações no mundo por meio da linguagem. Em outras palavras, pela linguagem o universo recebe sentido para nós. Nossa consciência amplia à medida que nomeamos mais fenômenos e objetos. Ao vislumbrar um planeta, real ou fictício, ele ganha realidade. Antes era o Nada. Ludwig Wittgenstein disse que os limites de nossa linguagem são os limites de nosso mundo. Por consequência, os limites de nosso pensamento são os limites de nosso mundo.

No entanto o Nada ou a negação tem papel relevante na formação da linguagem. No filme “Planeta dos Macacos: A Origem”, um macaco tem uma evolução súbita. Objeto de investigação científica, a primeira palavra que ele pronuncia é o “Não”. Da mesma forma, a humanidade evoluiu rapidamente com a negação. Imagine um primata tentando dizer um “não” para outro que caminha em direção ao inimigo. A criação da linguagem foi iniciada, estranhamente, com a negação da realidade. Com o “não”. Ideia de negação só existe na mente. “Não” é a essência a própria linguagem. Podemos ficar sem 90% de nossas palavras, mas não sem o “não”. É o início da proto-linguagem.

As palavras criam conceitos que ordenam a realidade, categorizam e classificam o mundo. A linguagem é, assim, uma forma de apreender aquilo que existe. Cria-se uma nova palavra para denominar outra realidade. Por isso uma língua interpreta e ordena o mundo. O pensamento é a capacidade de construir representações das coisas com palavras. Ele não espelha o mundo. Diferentemente ele classifica a realidade e a interpreta. Nessa função organizadora, ele não existe fora dos quadros da linguagem. Esta condiciona a realização do



Existencialismo Metafísico

pensamento, pois este não pode ser captado a não ser pela linguagem. Fora dessa maneira, o pensamento é o nada ou algo vago.

A linguagem liga o homem à sociedade e à natureza. Com ela o homem retrata a si mesmo e a realidade, dando-lhe poder. Língua, numa palavra, são signos. Com eles, o homem pensa, trabalha, ensina, identifica a sua cultura, seus próximos e a si mesmo. Com ele visualiza o passado, presente e futuro. Enfim dá sentido ao mundo e a si mesmo.

3 - Objetividade e Subjetividade

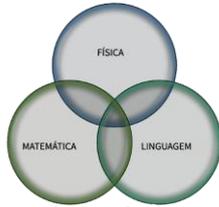
A Arte, a Religião, a Ciência e a Filosofia utilizam a linguagem para tentarem retratar a realidade. Elas são os principais alicerces do conhecimento. Cada uma delas tem uma linguagem específica para referir a fatos, objetos ausentes, passados, futuros, hipotéticos. Com sua linguagem própria, conceituam seus termos, definem seus objetos, teses e teorias. Assim podemos falar em linguagem científica, literária, teológica e filosófica. Mas não é só. Quanto mais específica uma área destas bases do conhecimento, mais específica a linguagem. Então podemos falar em linguagem médica, mecânica, jornalística, metafísica, budista, administrativa.

As bases do conhecimento são universais, pois seus objetos de estudo são o todo. A Ciência dividiu o conhecimento entre o sujeito (aquele que conhece) e o objeto (aquilo que se conhece). A Arte dividiu o conhecimento no “eu” e “não eu”. A Filosofia, na parte e no todo. A Religião, no Criador e na criatura. No fundo, tais divisões são a mesma coisa, contudo a Arte centra-se no artista, no “eu” (no sujeito, parte, criatura) do conhecimento, enquanto as outras bases do conhecimento se concentram no objeto. Intermediários do conhecimento, como jornalismo, biografia, diário íntimo, entre outros hibridismos, ficam entre o sujeito e o objeto.

A palavra tem carga emocional (seara da arte), semântica (campo da ciência) e de juízo (área da moral-crítica). Predomínios da emoção e de juízo apresentam a subjetividade.

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

Predomínios dos conceitos, temos a Ciência e a Filosofia. Estas buscam objetividade e precisão em seus signos. Ao contrário, artes empregam discursos polivalentes quanto à semântica. Vale dizer há várias interpretações para cada obra de arte.

Objetividade e subjetividade são dois atributos inversamente proporcionais que permeiam a escrita e a fala. Devem ser explanados preliminarmente, pois a depender de qual linguagem se utiliza, mais se aproxima de uma delas ao tempo que se afasta da outra. A Arte tem a visão centrada no sujeito, a Ciência tem foco no objeto, em razão das doutrinas materialistas e mecanicistas. Para fins didáticos e sem proximidade com o absoluto, eis uma escala romildiana da linguagem segundo sua aproximação do sujeito ou do objeto:

SUJEITO 100% OBJETO 0%

1 – poesia-pura, total emoção, sem significado, sem um mínimo de objetividade, não existe;

2 – a poesia tradicional;

3 – poesia concreta;

4 – mitos e poemas religiosos; ficções em forma de romance, conto, novela; emoção e significado;

5 – hibridismo da prosa literária e outras formas do conhecimento: conto-ensaio, crônica-conto;

6 – jornalismo opinativo;

7 – jornalismo e ensaio;

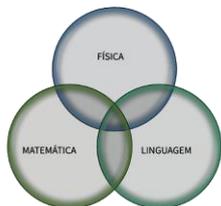
8 – ciência, filosofia e religião que se aproxima da linguagem jornalística, literária;

9 – linguagens científica, filosófica, administrativa, jurídica; linguagens técnicas como bula de remédios e manual de um carro;

10 – ciência pura, sem emoção, desespirtualizada, sem sentido, uma máquina, uma inteligência artificial.

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

OBJETO 100%, SUJEITO 0%

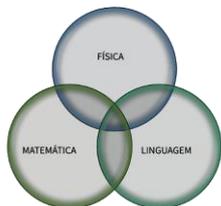
Esta tabela servirá de orientação ao falar das várias linguagens. Quando mais a linguagem se aproxima do objeto, mais se afasta da visão pessoal; e vice-versa. A escrita (ou a fala) vai da subjetividade literária, passando por diversos hibridismos, até chegar até a objetividade científica. Então as linguagens literária e científica são, neste prisma, antagônicas.

O texto objetivo busca distanciar do próprio objeto de estudo, dando um toque de credibilidade aos dados colhidos pela investigação científica. A Academia costuma dizer que tal objetividade dá confiabilidade a sua escrita impessoal, como se ela fosse verdade e impassível de questionamento.

O texto pessoal considera-se duvidoso, válido muitas vezes apenas para o autor e não para a maioria. Sinais de personalidade, como verbos na 1ª primeira pessoa do singular (pesquisei, estudei) e pronomes igualmente na 1ª pessoa do singular (eu, meu), expressões pessoais (acho, acredito, a meu ver...), são proibidas pela Academia em suas teses e dissertações, consideradas subjetivas e não confiáveis.

No fundo, estas recomendações formalísticas acadêmicas só terão fundamento com uma visão crítica do conteúdo. De nada resolve usar pronomes e verbos na terceira pessoa combinado com um conteúdo pessoal. Pois, em profundidade, o que se quer é o conteúdo e não a embalagem, o que se quer é a ideia e não formalidades estereis.

Cada linguagem tem seu estilo, muitas vezes criticado pelas outras linguagens: a jornalística é criticada pela sua efemeridade e sua superficialidade; a científica, pelo seu hermetismo; a jurídica, pela pomposidade; a literária, pela sua subjetividade, a teológica, pelo seu misticismo. Cabe a cada um de nós o discernimento das linguagens e dos conteúdos para chegar ao conhecimento lúcido, ou melhor, a verdade real e não a verdade particular das religiões, das ciências ou das artes.



Existencialismo Metafísico

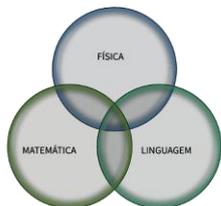
4 - As Diversas Linguagens

Dissemos anteriormente sobre linguagens objetivas e subjetivas. Estas duas correlacionam com duas escritas chamadas denotativa (literal) e conotativa (metafórica). Também correlacionam com as falas formal (português padrão) e informal (português não-padrão). Nossa fala e escrita de cada dia, inclusive a do amigo leitor, fica entre as características objetiva e subjetiva, podendo se aproximar ora objeto ora do sujeito, a depender de cada caso. É difícil estabelecer um padrão, pois, em análise última, cada pessoa possui sua própria linguagem. Da mesma forma, a fala dos grupos.

Vale salientar que tais classificações não tem nada de absoluto, tem fins didáticos, pois quase sempre (ou sempre) as semelhanças das linguagens são maiores que as diferenças. O homem tem compulsão em dividir aquilo está integrado. As diversas linguagens modificam mais o vocabulário e a semântica, sendo que varia muito pouco a sintaxe, fonologia e linguística textual. Vale dizer as modificações são de palavras (léxico), porém continua a mesma ortografia, sintaxe e texto.

Daremos destaque sobre as redações teológica, científica, literária, e administrativa. A linguagem filosófica assemelha à científica. Então falaremos em nome da Ciência, pois a Filosofia perdeu espaço para aquela ao aderir, ou pelo não combateu, teorias científicas como a da Incerteza, do Caos e o Acaso científico. A Filosofia está bem acomodada numa sala inativa da Academia.

Devido a sua importância, também discorreremos sobre a linguagem jornalística. Há outras linguagens que merecem breves comentários. A linguagem publicitária feita para as massas usa a retórica, a arte de persuadir. Linguisticamente ela foca o receptor, destinatário da mensagem; o potencial comprador ou eleitor. Seja num anúncio da Tv, de um outdoor, ou da internet, ela procura convencer as pessoas a comprarem seus produtos ou serviços. A comunicação da publicidade usa slogans, ambiguidades, metáforas, musicalidade, expressões de duplo sentido, omite, exagera e usa todos os recursos da língua e da publicidade para vender seu peixe.



Existencialismo Metafísico

A publicidade usa a ciência para estudar o homem e a linguagem literária para convencê-lo. Ela teria relevância para divulgação de ideias e conhecimento, mas explora fraquezas humanas para vender ilusão, falsa felicidade, políticos corruptos. Para isto apela às emoções, aos desejos e fantasias humanas das pessoas. Os textos publicitários merecem uma leitura crítica e inteligente dos consumidores. Publicitários estudam as pessoas para vender seu produto, por isto as pessoas deveriam estudar a linguagem publicitária para adotar um espírito crítico de forma e conteúdo.

A linguagem política baseia em textos retóricos e visa compatibilizar a sociedade com o poder. Acompanhados da boa oratória e de uma teatralidade, narram histórias para dar sentido ao vácuo político. Pregam valores morais e universais, mas buscam os interesses pessoais e partidários. Utilizam metáforas populares como o futebol e receitas domésticas para ilustrar sua verborragia.

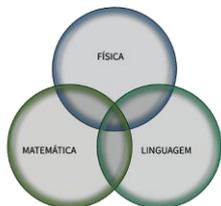
Dois pensamentos políticos se alternam na história da humanidade: o moralismo político (de fundo idealista) que prega fins comuns e valores como igualdade, liberdade, justiça, entre outros; e o realismo político que foca o poder, o conflito, a corrupção e rejeita o moralismo. Marx inovou com o pensamento político ideológico que prega a vitória dos trabalhadores. Mas hoje valores como democracia, direitos humanos, economia aberta e governo constitucional são universais no mundo Ocidental.

O discurso político atual do nosso país prega o moralismo, mas foca o poder e corrupção. A ideia de política como valores universais esvaziou. A política visa apenas interesses particulares e adotam a verborragia para impressionar os humildes. Nossos políticos não têm um valor universal supremo, um princípio filosófico que possa defender no interesse do país e supranacional. Integridade, ética, moralidade, tudo balela. Possuem boas oratórias e as utilizam no escamoteado discurso universal.

A linguagem militar pertence às forças de guerra, mas se torna pop devido a imprensa e aos adestrados soldados sobreviventes. Palavras como guerreiro, batalha, trincheira, luta, táticas, estratégias, avanço, missão, manobras, combate, camuflagem, marcha são oriundas das guerras e utilizadas por todos no dia-a-dia. Militares possuem até um alfabeto próprio: Alpha, Bravo, Charlie, Delta, Echo, Foxtrot, Golf, Hotel, India, Juliet, Kilo, Lima, Mike, November, Oscar, Papa, Quebec, Romeo, Sierra, Tango, Uniform, Victor, Whiskey, Xray, Yankee Zulu.

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

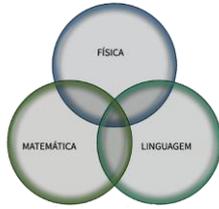
A disciplina militar é rigorosa. A marcha orquestrada leva a unidade de comando e perda da identidade de todos soldados. Ordens não são questionadas, mas cumpridas. Ou como diria o capitão Nascimento: missão dada é missão cumprida. Então não há liberdade de escolha e nem de pensamento. Verbos são conjugados no imperativo para os prepostos atender aos comandos: deita, rasteja, atira, mata. Os verbos também podem ser impessoais quando dirigido a toda tropa, como: avançar, descansar, atirar, atacar. Ou ainda palavras substantivadas, mas com determinações: fogo, sentido.

A linguagem jurídica também aspira à precisão. Para estudiosos do Direito, a escrita jurídica é técnica, científica e com alicerce na redação da lei. A norma jurídica deve ser escrita e publicada oficialmente, logo após um longo processo legislativo. A linguagem jurídica tem estreita relação com a administrativa e também deve seguir os princípios constitucionais da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. A escrita jurídica tem formalidades e uma padronização. Estas formalidades dão um toque de impessoalidade ao texto. Da mesma forma que a linguagem administrativa e científica, a jurídica deve eliminar ideologias e emoções de sua redação.

Como a redação administrativa, a jurídica procura clareza, coerência, coesão, padrão culto. A redação jurídica aspira precisão como a científica, emprega princípios constitucionais administrativos, como a da impessoalidade, não permite contradições e fábulas como a escrita teológica e não permite subjetividade com a redação literária. A linguagem jurídica serve aos textos jurídicos como petições dos advogados, denúncias do MP, sentenças judiciais, relatórios dos IP's, pareceres jurídicos, peças diversas produzidas pelos escrivães, entre outras.

5 - Português Padrão

A Gramática codifica normas para uniformizar a língua, como o exército uniformiza seus comandados e seus comportamentos. Chamada de Português-padrão, utilizada pela



Existencialismo Metafísico

ciência e pela administração, é a língua oficial do país. Todavia suas normas são infringidas a toda instante pela linguagem informal ou Português-não-padrão, aquele praticado em casa e na rua. A fala usa de uma linguagem informal, o Português-não-padrão.

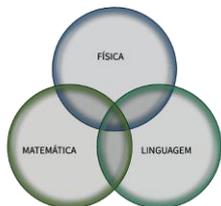
A Gramática é como o Direito. Enquanto ela visa uniformizar a língua, o Direito visa uniformizar o comportamento. Da mesma forma que a Gramática, as regras do Direito são constantemente violadas por nós. Compramos mercadorias de camelôs, fazemos fofocas, falamos mal de políticos e cometemos outros deslizes jurídicos contumazes. Igualmente a sociedade produz transgressões gramaticais. As falas diferentes do Português, estudadas pela Linguística, são chamadas de variabilidades.

Linguistas adotaram o princípio da invariabilidade profunda em meio às variabilidades superficiais. Este princípio trata de toda descrição linguística e do conceito de padrão. Assim temos em todas as línguas uma parte padrão, onde localiza o universo da invariabilidade. As variabilidades podem ser encontradas no resto da língua estudada.

A língua (como o ser humano e o conhecimento) não é um produto pronto e acabado. Ela sofre transformação no espaço, no tempo, na hierarquia social, nos diversos grupos sociais, entre outras variáveis. Mas estas transformações são lentas, poucas e sutis. Caso contrário, a comunicação ficaria difícil, senão impossível. Dentro de um determinado contexto, há necessidade da invariabilidade da língua, senão prejudicaria a comunicação. Esta parte invariável é o padrão. A Gramática garante certa rigidez, permitindo o trânsito entre o passado, presente e futuro, mantendo um elo entre eles.

Elites cultas costumam criticar e sentenciar como “erro” as variabilidades da língua na fala de classes sociais menos favorecidas. A Sociolinguística, disciplina da Linguística, vê as variações em termos de diferenças e não de erros. A má distribuição de renda gera preconceito até na língua. Essa realidade já vem sendo transformada em instrumento pedagógico pelas escolas a pela doutrina das diferenças e do multiculturalismo.

O professor da Unicamp, Sírío Possenti, minimiza este preconceito no livro *Mal Comportadas Línguas* ao fazer análises e reflexões em torno das questões de língua. Utilizou teorias da Linguística e do conhecimento em geral. Possenti tem aversão ao purismo gramatical e ataca os guardiões dela, utilizando neologismos pejorativos como gramatiquinha,



Existencialismo Metafísico

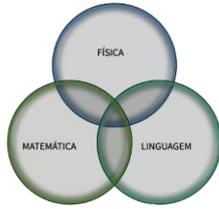
gramatiquices, gramatiqueiros, entre outros. Os gramatiqueiros de posse de uma gramática e de um dicionário, geralmente colonistas que falam da língua, se tornam senhores absolutos da língua e passam a fazer correções, sempre com um tom de preconceito. A intenção do professor, pelo menos é o que ele diz, é minimizar estes defeitos.

Possenti enfatiza constantemente a mudança das línguas e sua evolução. Não faz sentido, pseudo-intelectuais e classes sociais abastardas defenderem a língua-padrão em razão da constante mudança das línguas. As formas ditas erradas por eles podem um dia se tornar o padrão. Ele repreende os gramáticos, defensores da ordem escrita. O professor usa animais extintos como metáfora para lembrar “monstros” extintos da gramática, como o dinossauro “vós” substituído pela sociedade por “a gente”. Ele nos leva a crer que o pronome vós não é mais utilizado e deveria ser excluído da língua-padrão, mas defendido pelos gramatiqueiros. Fala também de outros monstros: velhas regências, sentidos caídos em desuso, regras caquéticas, contradições e terminações.

Diferença entre gramáticos e linguistas: gramáticos caracterizam a fala como certa e errada com base em sua codificação; linguistas não caracterizam fatos linguísticos como certo ou errado, nem a partir da autoridade de escritores ou da tradição, mas classifica falas como populares, cultas, regionais, literárias; um linguista observa fatos e tenta descrevê-los e explicá-los; enquanto um gramático observa e organiza fatos, mas com base na autoridade de escritores e certa tradição, construindo suas gramáticas a partir daí; fora de sua gramática, são tidas como erradas outras formas; os linguistas não classificam como erradas o usual pronome “a gente” e a concordância “os livro”; mostram que aí funcionam outras regras e faz isso com base nos fatos adequadamente observados e analisados; a concordância nominal “os livro” ocorre desde sempre em livros antigos e até em outras línguas como o francês.

Esta visão de diferenças tem que ser respeitada, mas as gramáticas devem ser usadas pelas administrações em geral. A linguagem oficial e a Gramática visam à uniformização da língua. Há então um Português-padrão e vários “português” não oficiais que podemos chamar de dialetos. Não é fácil diferenciar um dialeto de uma língua. Já fora dito que o dialeto é uma língua que não tem um exército por trás para exigí-la.

Nesta altura, fica oportuno falar de vocabulário e léxico. Apesar de serem vistos como sinônimos, léxico tem sentido mais amplo que vocabulário. Nesta obra, léxico é o conjunto de



Existencialismo Metafísico

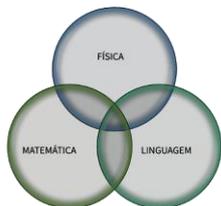
palavras do idioma, enquanto vocabulário é considerado grupo de palavras comuns utilizadas por determinado pessoa ou grupo, retiradas do léxico. Então se pode falar em vocabulário jurídico, vocabulário administrativo, vocabulário científico, retirados do léxico.

Numa síntese, a Gramática e sua codificação tem relevância, pois determina a linguagem oficial e permite a comunicação no tempo, no espaço, entre grupos sociais diversos. Mas as diferenças não devem sofrer preconceitos, pois há diversidade de “português” e uma lógica nas diferenças. É bom lembrar que o Latim que influenciou todo o Ocidente foi o dos soldados romanos, agricultores de Roma convocados para servir o grandioso exército romano. Eles falavam o latim vulgar e não o padrão da capital romana.

6 - Linguagem Jornalística

Jornalismo divulga notícias, fatos, informações de qualquer natureza, seja política, esportiva, econômica, social, ambiental. O objeto do Jornalismo é o todo. A reportagem tem por objetivo a colheita, o processamento e a transmissão de informações da atualidade para o grande público através de veículos de comunicação de massa. Romanticamente o Jornalismo visa atingir mentes e corações de seus leitores, telespectadores e ouvintes.

Há várias formas de Jornalismo: impresso, rádio jornalismo, telejornalismo e cine jornalismo. Há também vários gêneros: informativo, interpretativo, opinativo, de entretenimento. Jornalismo informativo tem narração simples, objetiva do fato, centrada nos fatos diários. A informação é direta, imparcial e impessoal. As notícias e algumas reportagens são específicas desse tipo de jornalismo. No Jornalismo interpretativo, o acontecimento vem seguido da situação que o cerca, permitindo ao leitor uma visão ampla. Jornalismo opinativo dirige a apreciação do leitor, interpreta o fato de maneira pessoal. Os editoriais, as críticas e os comentários são exemplos de textos opinativos. Jornalismo de entretenimento tem matérias destinadas ao lazer do leitor. As crônicas, as tiras humorísticas, a charge são exemplos.



Existencialismo Metafísico

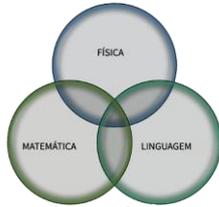
Especificamente neste espaço, será abordada a redação jornalística. A palavra escrita como instrumento utilizado para convencer e persuadir leitores. Ainda que delimitado, o tema continua amplo. Algumas exposições podem distorcer para alguns estudiosos, mas visamos ser mais didáticos.

A escrita jornalística procura unir o leitor e o jornal. Para isto utiliza sua comunicação específica e tem como premissa a compreensão da notícia por todos. A habilidade com a palavra busca traduzir o conteúdo com simplicidade e clareza, para atingir o maior número de leitores sem ambiguidades e sem outras interpretações. Vários manuais de redação de grandes revistas e jornais têm regras próprias e geram tendências de escrita. Todavia o estilo é facilmente identificável:

- a) Frases curtas e simples, visando objetividade e leitura rápida;
- b) Uso da ordem direta da língua (sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbiais), sem inversões, pouco uso de intercalações. Isto evita complexidade;
- c) As locuções verbais são evitadas, especialmente quando podem ser substituídas por um único verbo equivalente;
- d) Uso de repetições, quando não estão em excesso, facilitam a memorização e as informações são mais assimiladas;
- e) Evita ambiguidade, mais de uma interpretação.

A redação jornalística tem algumas características como:

- a) **Objetividade.** Apesar do mito da objetividade, o jornalista deve procurar descrever e narrar os fatos, sem opinião pessoal e evitar a linguagem literária que tem sentido figurado e carga emotiva;
- b) **Simplicidade.** Tal escrita deve evitar erudição, termos técnicos e arcaicos, empregar expressões corriqueiras, pois visa atingir o grande público;
- c) **Imparcialidade.** Apesar de haver o jornalismo opinativo, a notícia não deve conter opinião pessoal e usar sempre a terceira pessoa. Cabe ao leitor fazer o próprio juízo de valor sobre os fatos;



Existencialismo Metafísico

- d) Referencial. O foco deve ser mantido na informação;
- e) Empatia. Sintonia entre leitor e a redação jornalística;
- f) Universalismo. O conteúdo deve ser de interesse geral e não restrito a poucas pessoas;
- g) Linguagem narrativa. Predominantemente narrativa, a notícia conta uma história linear com muita ação, personagens, enredo, tempo e espaço.

Exemplo de texto jornalístico:

HOMEM ABUSA DA SOBRINHA

(Título da notícia resume todo o fato, geralmente em letras enormes. Os títulos devem conter verbos no presente do indicativo e estar na ordem direta (sujeito +verbo +complementos verbais), como neste exemplo.)

“Um homem de 52 anos foi detido após tentar abusar sexualmente da sobrinha, de 14, em Bueno Brandão, no sul de Minas, anteontem.

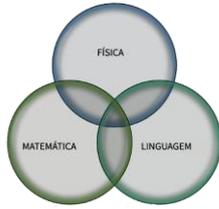
Segundo a Polícia Militar, ele aproveitou que a adolescente estava sozinha em casa para ir até o local e agarrá-la.

A menina contou que o tio a pegou pelos braços, deu tapas em seu rosto e disse: “Hoje então você vai sentir na pele”. Depois ele a golpeou com um objeto não identificado. Segundo a PM, o Suspeito acariciou as partes íntimas da menina e disse que faria sexo com ela. No entanto, a jovem conseguiu fugir. O suspeito foi encaminhado para a Delegacia de Pouso Alegre.” Jornal Super Notícia. Terça-feira, 20 de maio de 2014.

Trata-se de um jornal popular de fácil entendimento. Até analfabetos funcionais (leem e não entendem) compreenderiam tal texto, pois contar histórias está em todos. As frases

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

curtas, simples e na ordem direta facilitam a leitura rápida. Além de informar, tal notícia busca gerar nos leitores uma emoção, um sentimento de justiça, pois há um drama nela. Então, nesta oportunidade, há uma aproximação entre Jornalismo e Literatura.

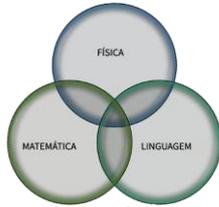
Note que as respostas sacramentais estão logo na primeira frase, resume toda a notícia. Esta técnica chama Lead e estrutura toda a notícia: Quem? Um homem de 42 anos. O que? Foi detido. Por quê? Abusou sexualmente. De quem? Da sobrinha. Onde? Em Bueno Brandão, no sul de Minas. Quando? Anteontem.

A imprecisão da identificação dos personagens se deve a lei e a preservação moral da menor e do suspeito.

A literatura acadêmica jornalística assevera a necessidade de ir logo respondendo as seis perguntas principais. Contar história tem estrutura fácil de reconhecer e está na simples fofoca, narração de um crime, notícia de um acidente. Com um toque freudiano: as pessoas utilizam essa estrutura, ainda que inconscientemente. Filmes, romances, contos, fofocas falam da ação de personagens no tempo e no espaço, que são sintetizadas nas questões: quem, o que, onde, quando, como, por quê?

Pergunta central de um crime, o porquê é efeito de uma causa, um motivo do crime. Deve merecer prioridade sobre as outras, pois requer investigações profundas sobre a causa e efeito. Outras áreas do conhecimento se fazem necessárias nestas investigações. Pode ser encontrado na psicologia, psiquiatria, sociologia, criminologia, entre outras disciplinas.

No jargão jornalístico, chamam de Pirâmide Invertida as repostas das questões fundamentais logo no início da notícia. Na Literatura estas perguntas são respondidas ao longo da leitura e as principais informações ficam propositadamente deixadas para o final. Isto gera um efeito literário de suspense. O Jornalismo quer informar e não criar suspense. O leitor tem informações de imediato e não precisa ler até o final para saber do que se trata. No século XIX, o jornal The New York Times inovou com essa estrutura clássica de apresentação da notícia, como forma de dar objetividade. Este estilo conta a história de trás para frente, ao contrário da Literatura. Esta técnica foi contestada, outros jornalismo aproximaram da Literatura para dar emoção à notícia, mas a estrutura tradicional resiste como no exemplo citado.



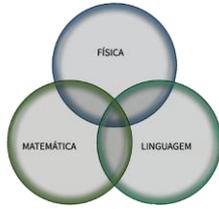
Existencialismo Metafísico

Vale, então, salientar a existência da técnica da Pirâmide Normal que se aproxima da Literatura. O jornalista cria um suspense ao tempo que prepara o leitor para o desfecho. Ele vai fornecendo informações aos poucos e reserva as informações mais relevantes para o desenlace. Técnica muito usada no jornalismo televisivo pelos apresentadores sensacionalistas. Há também um sistema misto, contudo sem relevância para nosso estudo.

Para críticas quanto ao conteúdo jornalístico: a efemeridade e superficialidade. Pode até ser. Contudo ele merece um apreço maior pela sua linguagem, pois ela integra as pessoas a todas as áreas do saber, ainda que superficialmente. Tal escrita tem a nobre missão de transformar textos herméticos como o jurídicos, econômicos, médicos e outros, em leitura acessível aos mortais. Alguns cientistas vêm usando a linguagem jornalística com um toque literário para amenizar sua linguagem chata.

Em síntese o Jornalismo busca objetividade, padrão culto, clareza, concisão em sua linguagem denotativa. Apesar da objetividade, o Jornalismo busca captar leitores/ telespectadores pela emoção com suas notícias. Ela é feita para um variado público, de variadas profissões, de variadas classes, de variados leitores para ser entendido e apreciado por todos. Enquanto a ciência utiliza uma linguagem técnica, precisa (cheia de jargões) para leitura de apenas alguns poucos estudiosos, enquanto a arte utiliza uma linguagem opaca (de várias interpretações) para emocionar seus leitores, a comunicação jornalística utiliza uma escrita clara e simples, com informações precisas e estilo atraente (sedução). Todavia mesmo a utilização de uma linguagem simples pode haver vários estilos próprios. Um exemplo muito divertido circulou pela internet, em que várias mídias falam de um mesmo tema: Chapeuzinho Vermelho na Imprensa. Anexo I.

7 - Linguagem Literária



Existencialismo Metafísico

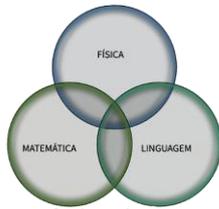
A Literatura adota uma linguagem especial e metafórica. O artista da palavra retrata sua visão de mundo de forma pessoal, diferenciado da Ciência, Filosofia e da Religião. Estas também empregam a palavra para retratar a realidade. Contudo a Literatura, como todas as artes, tem a visão centrada no sujeito, enquanto a Ciência e as outras bases do conhecimento têm foco no objeto. Vide tabela romildiana.

Cada arte tem um tipo de signo para expressar o “eu”, matriz de todas as artes: a palavra (Literatura), som (música), movimento (coreografia), cor (imagem, pintura), volume (escultura) e espaço vazio (arquitetura). Todavia a palavra é o instrumento mais adequado de expressão do conhecimento do ser. O meio mais eficiente de comunicação. Isto torna a Literatura a Arte por excelência, pois as palavras conseguem exprimir e significar tudo, enquanto os outros signos (cor, som...) só expressam de modo parcial, fragmentado e imperfeito. As outras artes devem usar as palavras para auxiliar sua expressão num segundo momento. Desse ângulo, a arte maior não é música, mas a Literatura. A música pode ultrapassar fronteiras e emocionar, contudo se não usar as Letras não pode expressar de modo preciso ideias, pensamentos, tragédias, angústias e sentimentos.

A palavra tem carga emocional, semântica e de juízo. Quando há predomínio da emoção na palavra, temos a arte. Se há predomínio das ideias, dos conceitos, conectamos com a Ciência, a Filosofia. À maneira de exemplo, tomemos a palavra coração: quando dissermos coração enfartado, nos referimos ao órgão humano doente, ligado à ciência médica; quando dissermos coração apaixonado, nos referimos a diversos sentimentos, ligados a emoção e a arte, pois não é o coração que apaixona e sim a pessoa; quando dissermos coração bom, já é uma crítica, um juízo de valor de uma pessoa.

Ciências, religiões e filosofias empregam signos univalentes, de mesmo significado. Coração é coração, é órgão. A explicação tautológica serve para ilustrar a unicidade semântica. Artes empregam signos polivalentes quanto ao significado. Coração pode ser sentimento, atributo, estado, mas não órgão humano.

Deste prisma linguístico, advogados e juízes que poetizam em suas petições e sentenças respectivamente incorrem em erro, pois as palavras rimadas poderiam ter varias significações. Nestas demonstrações eruditas, juízes estão mais errados ainda, pois constitucionalmente devem sentenciar sem ferir o princípio da impessoalidade. Ou seja, a



Existencialismo Metafísico

sentença deve ser impessoal e não uma poesia de caráter pessoal. Isto sem falar na questão moral, pois a poesia é uma obra que demanda tempo para rimar, escolher palavras e ideias. Juízes não têm tempo, têm pilhas de processos que levam anos, décadas a espera de sentença.

Classifica-se a Literatura em poesia e prosa. A poesia seria o mundo interior de seu autor, surreal e psicodélico. Tal realidade seria apenas do autor. A imitação, a representação tradicionalmente caracteriza a prosa (ficções em contos e romances), mas não caracteriza a poesia, pois ela não representa a realidade externa. Mera contemplação, a poesia tem os dois pés fora da realidade, enquanto a ficção tem um pé na realidade e outro na arte. O universo virtual do romance leva a imaginação do leitor a uma realidade simétrica ao mundo físico. Isto não acontece na poesia, pois ela não tem sujeito, objeto, verbo, predicado, tempo e espaço. Todos são desconstruídos. A poesia não tem regras. O poeta dita suas regras. Ela é anti-histórica, antinarrativa, antidescritiva.

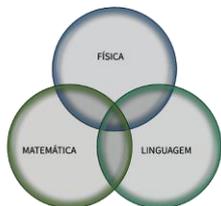
Textos não literários tratam de coisas e fatos do mundo real, concretos ou abstratos. Na Literatura, o escritor inventa, cria um mundo que não existia antes de o texto ser escrito. Esse mundo pode assemelhar-se ao mundo real, mas não tem de corresponder exatamente a ele. No texto não literário, a língua veicula a transmissão de ideias, informações, instruções. No texto literário, o escritor procura alcançar mais expressividade. Para isso explora a sonoridade, as conotações, as diversas possibilidades da sintaxe e monta a frase.

Redações não literárias são objetivas (impessoais e imparciais), de linguagem denotativos (literal, com significado em dicionários) para se ter única interpretação, utilizam a racionalidade para mostrar o conteúdo. Enquanto os textos literários são pessoais (subjetivos), de linguagem conotativa para se ter várias interpretações (usam as metáforas) e empregam a criação para serem expressivos.

Alguns criticam a Literatura e sua linguagem. Apesar de escritores negarem a prolixidade como crítica de sua Literatura, ela existe, pois a liberdade interpretativa pode levar o leitor a interpretar dispensáveis fragmentos literários. De fato há descrições e narrações intermináveis em algumas obras. Outros asseveram que os poetas vivem um mundo de fantasias e que sua linguagem é indefinida. Em verdade a poesia procura emocionar ao extremo. Emoção efêmera sem conhecimento torna a Literatura próxima da superficialidade jornalística.

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



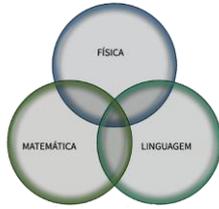
Existencialismo Metafísico

Neste tom estudiosos das ciências exatas censuram os das ciências humanas, negam que elas sejam Ciência e não vislumbram explicação para a Literatura e outras artes. Doutra lado pensadores das ciências humanas imputam reducionismo aos das exatas, pois limitam tudo a matéria e aos genes sem considerar o aprendizado e o ambiente. Um representante das ciências biológicas, Richard Dawkins, até escreveu um livro O Gene Egoísta, como se o gene fosse uma entidade autônoma. Ele defende que: nós somos máquinas criadas por nossos genes; a evolução é determinada pelos genes; caberia a nós ensinar generosidade e altruísmo contra os nossos desígnios genéticos. Bizarro! Perdemos nossa personalidade para nossos genes.

O professor de literatura americano, Jonathan Gottschall, neodarwinista, escreveu a obra “O Animal Narrador: como contar histórias nos faz humanos”. Ele esclarece o comportamento humano a partir da evolução. Histórias de ficção consistem em estratégias evolutivas da espécie humana. Hodiernamente com o formato ficcional dos videogames produzidos pela tecnologia, as narrativas crescem em nossa vida. Mas as histórias continuam com a mesma estrutura: tem sempre um personagem, com um conflito e um esforço para solucioná-lo. Seja humor, tragédia, ação, seja nos filmes, nos romances ou nos games.

As obras de ficção podem mudar comportamentos e percepções. Elas tornam mais receptivas a crenças contrárias. Goethe promoveu uma série de suicídios por causa dos sofrimentos de um personagem. O preconceito gay diminuiu com este tema exposto nas novelas brasileiras. Uma história não produz só entretenimento, ela também nos molda e é capaz de interferir nos acontecimentos históricos. Por isto a influência bíblica em nossa vida, na forma de narração. Hitler tinha uma grande paixão pelo cinema e sabia de sua importância política. Filmes, histórias, contos são capazes de convencer e moldar opiniões e ideologias.

O lado esquerdo de nosso cérebro é o nosso “eu” racional. O direito, o nosso “eu” artista. Os dois trabalham melhor juntos. Os gênios são aqueles que combinam os hemisférios da emoção e o da razão. A brilhante teoria da Relatividade de Einstein veio de equações que regem o eletromagnetismo e que todos os físicos da época sabiam. O diferencial era o lado criativo do cérebro dele. Ele era musical, tocava violino e ativava seu o lado direito.



Existencialismo Metafísico

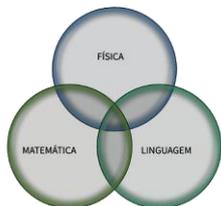
Em harmonia com o exposto, não se sustenta a crítica da galera das ciências exatas que negam o conhecimento artístico. Quando criamos, nos aproximamos do Criador Maior. Para fazer cálculos diversos, nos aproximamos de calculadoras e computadores.

Em síntese a linguagem literária é criativa, subjetiva, conotativa, preocupada com a forma livre, tem caráter pessoal, utiliza o sentido figurado com várias interpretações. Não se importa com contradições, ambiguidades, clareza, concisão, não é chegada em normatizações e padronizações, em nome da criatividade. Como regra utiliza o padrão culto, mas, por vezes, quebra regras intencionalmente (licença poética) e usa conversa coloquial nos diálogos de seus personagens.

8 - Linguagem Administrativa

O estado, as empresas e as entidades diversas para existirem têm uma base jurídica e a necessidade de se comunicar. Agentes públicos, em nome de seus órgãos, devem comunicar com outros agentes, órgãos e com os cidadãos. A comunicação, falada ou escrita, refere-se ao estado ou instituição outra e não a pessoa. A comunicação escrita pode ser em forma de ofícios, memorandos, circulares, relatórios. Também os atos normativos administrativos são escritos e não deixam de ser uma espécie de comunicação, como portarias, despachos, alvarás.

As instituições religiosas comunicam com seus fieis, com outras instituições e com outras autoridades. Para que haja comunicação são necessários: alguém que comunique, algo a ser comunicado, e alguém que receba essa comunicação. No caso da redação oficial religiosa, quem comunica é sempre o clero (padres, pastores, bispos, rabinos); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições religiosas que comunica; o destinatário dessa comunicação ou é o público (o conjunto dos cidadãos), ou órgão público do estado ou empresas.



Existencialismo Metafísico

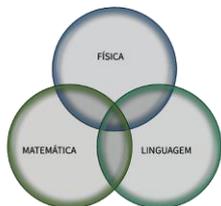
A linguagem oficial também é especial. Quando uma autoridade elabora um ofício, ela o faz em nome de seu cargo e de sua repartição. O assunto deve tratar de interesse público (no caso do estado), ou religioso (no caso da religião), e não de interesse pessoal. Não deve demonstrar emoções. As empresas, estados, igrejas são entidades impessoais e não possuem emoção.

Assim característica mais relevante da linguagem oficial é a impessoalidade. Tão relevante que a Constituição atual determina o emprego do princípio da impessoalidade na administração, conforme artigo 37: "*A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)*".

A título de exemplo, nas comunicações oficiais, principalmente por ofício, o vocativo usado para falar com o diretor de um departamento, no alto da folha, será Senhor Diretor. No caso da religião católica, a Santa Sé concedeu aos bispos o título "Vossa Excelência Reverendíssima". Isto é um padrão que traz a marca da impessoalidade. Imaginemos sem este padrão oficial e um preposto, ou mesmo outro diretor, tivesse liberdade ao evocar o diretor por ofício. O vocativo poderia ser: *Iai Chefe!; Então Chefia! Anauê; Grande líder; Camarada*. Estas marcas de pessoalidade podem trazer desrespeito, desentendimento (até por não entender a intenção de quem comunica), equívocos, problemas administrativos por falta de disciplina.

Ao lado da impessoalidade, outros princípios influem na redação oficial, conforme determinação constitucional. O princípio da legalidade proíbe as comunicações de determinar, avalizar ou fazer apologias a práticas ilícitas. O infeliz que infringir o princípio da legalidade responderá civil, criminal e administrativamente pela escrita de atos ilícitos. Da mesma forma, a comunicação oficial é provida de moralidade. Não se admite insultos, xingamentos e palavras de baixo calão.

A comunicação oficial aplica o princípio da publicidade: como o próprio nome diz, o serviço é público e a comunicação deve ser pública, com a máxima transparência. Esta transparência já não ocorre com as religiões que restringe a publicidade de seus atos administrativos. Relevante dizer que as entidades religiosas não são democracias. Elas estão



Existencialismo Metafísico

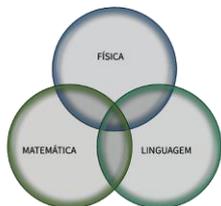
mais perto do militarismo, da hierarquia e da disciplina rígido. Somente os atos de fé, normalmente exaltações e eternas repetições de seus livros sagrados, são públicos.

Existem inúmeros manuais de redação. Os poderes executivo, legislativo, judiciário, nas três esferas de governo costumam ter seus próprios manuais. Empresas de jornalismo também têm seus manuais. As religiões não possuem manuais de redação. Desde 2012, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) vem confeccionando um manual de estilo e redação, para ser adotado por todas as assessorias de comunicação e imprensa das dioceses, congregações e institutos ligados a ela. Parece que ainda não terminaram. Por isto vamos continuar explanando as comunicações oficiais do estado, perfeitamente cabível nas comunicações administrativas das entidades religiosas. Evidentemente religiosos tendem a misturar a linguagem da fé e a linguagem da administração, mais ainda assim se percebe a linguagem administrativa.

Além de tais princípios constitucionais que fundamenta a administração pública, há outros que regulam também as comunicações e atos administrativos. Há inúmeros manuais de redação estatais e de vários poderes, que regula a escrita. O Manual de Redação da Presidência da República, de 1998, assevera: *“A linguagem oficial/administrativa (para atos normativos e comunicações) caracteriza pela impessoalidade, padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformização”*. Vejamos um a um.

Padrão culto. A língua varia no tempo e no espaço e pode gerar dialetos. Dentro da Brasil, devido as suas dimensões continentais, o jeito de falar, o vocabulário, a sintaxe pode variar a depender das regiões. Todavia a linguagem oficial deve atender a normas da Gramática. Ortografia, morfologia e sintaxe disciplina regras que atende ao padrão culto da linguagem. A linguagem administrativa deve buscar na língua oficial e no vocabulário administrativo (e não nas variantes da língua) sua fonte de escrita. Padrão culto não permite outros vocabulários de outros grupos como gírias, modismos, regionalismo. Todavia não tem nada contra o simplismo. Em verdade o simplismo é uma virtude de tal padrão.

Clareza. Para atender ao requisito da clareza, a redação oficial não pode conter ambiguidades, contradições, imprecisões, mitos e obscuridades. Estes ocorrem na linguagem literária e religiosa, mas não na linguagem administrativa e científica. O citado princípio



Existencialismo Metafísico

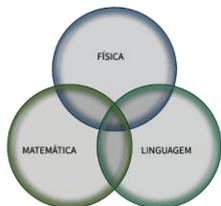
constitucional da publicidade visa o entendimento dos atos e comunicações pelos cidadãos. Esta transparência do sentido se deve ao Estado de Direito e evita abuso de poder.

Concisão. Dizer o máximo de conteúdo com o mínimo de palavras. Qualidade da escrita que expõe com brevidade, precisão e clareza. O bom texto oficial não tem rodeios e nem enfeites gratuitos, vai direto ao ponto.

Formalismo. São regras a serem observadas em certos atos administrativos e também jurídicos. As comunicações oficiais obedecem a certas regras de forma. Além das já mencionadas citadas, emprega formalidade de tratamento. Chega a ser chato ver políticos tratando seus pares de V. Exa, mas seus defensores alegam que tais tratamentos referem à polidez e civilidade na comunicação. O excesso de formalismo vem paulatinamente sendo cortado. O antigo fecho das comunicações gastavam duas, três, quatro linhas e foram substituídas pelo *Atenciosamente*. Servidores mais antigos lembram-se deste fecho: *Aproveito oportunidade para renovar protestos de alta estima e consideração*. Trata-se de um formalismo estéril.

Padronização. Mais amplo que a formalidade, a padronização atinge a indústria, o comércio. Na escrita, a fim de evitar vários estilos, a administração adota um estilo único, por assim dizer. Ela convencionou e padroniza uma forma e evita personalismos. Quem se recebe um ofício não tem que ficar procurando data, autor e conteúdo. A data vem acima do vocativo e o autor assina em baixo do conteúdo. A unificação deve sempre permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoal e uniforme. Assim a padronização permite entendimento único das comunicações entre diferentes setores da Administração. Papéis uniformes, geralmente A4, formatação uniforme de fonte e parágrafo são formas de padronização.

Vocabulário. A escrita oficial, apesar de ser uma linguagem especial, procura ao entendimento de todos, com simplicidade, sem hermetismo, sem arcaísmos e sem jargão burocrático, o que coloquialmente e pejorativamente se chama burocratês. Mas a simplicidade não inclui gírias, regionalismos e nem modismos de novelas. A linguagem técnica, às vezes, é inevitável, mas deve ser empregada apenas em situações que a exijam, sendo de evitar o seu uso indiscriminado. Termos acadêmicos na redação administrativa, que emprega o



Existencialismo Metafísico

vocabulário próprio de determinada área, são de difícil entendimento para neófitos. Se não puderem ser evitados, devem ser explicados para leigos.

A linguagem administrativa aproxima da científica que também exige precisão, clareza, objetividade, padrão culto e unicidade de interpretação. A comunicação pela fé exalta os livros sagrados e estes adotam o uso de mitologias e poesias passíveis de várias interpretações. Quando procura atingir a todos e até leigos, sem hermetismo, a redação oficial aproxima da linguagem jornalística. Como toda redação, a eficiência da escrita pública se traduz em coerência e coesão da comunicação, evitando o prolixo.

Vejamos um exemplo de ato comunicativo: Ofício.

Um ofício é uma correspondência oficial, enviada normalmente a funcionários ou autoridades públicas. O ofício é o tipo mais comum de correspondência oficial expedido por órgãos públicos e religiosos. Seu destinatário, no entanto, além de outro órgão público ou religioso, pode ser também um particular. O conteúdo do ofício é matéria administrativa, mas pode vincular também matéria de caráter social, oriunda do relacionamento da autoridade em virtude de seu cargo ou função. Veja exemplo de comunicação por ofício de uma igreja fictícia. A comunicação se fez entre entidades, através dos cargos e não das pessoas.

IGREJA DEUS É DINDIN

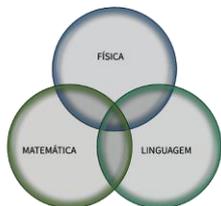
Belo Monte, 14 de outubro de 2015.

Ofício nº 666/(2015)

Para: Usina de Álcool de Belo Monte na pessoa de seu presidente Ziza da Silva

Assunto: Solicita Doação

Excelentíssimo Presidente,



Existencialismo Metafísico

A Igreja Deus é Dindin, localizada nesta cidade, centro, na praça principal, 171, é uma entidade sem fins lucrativos, funcionando desde 2013, vem solicitar de Vossa Empresa a doação da insignificante quantia R\$ 1.000.000,00 para esta empresa, mas de grande importância para nossa entidade.

Salientamos, que toda a contribuição será bem-vinda, e desde já agradecemos seu apoio, fundamental para o sucesso deste trabalho.

Na oportunidade, aproveitamos para apresentar a Vossa Senhoria os protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

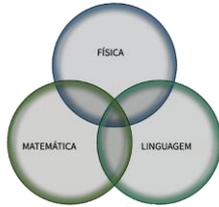
Peçanha de Tal

Bispo

9 - Linguagem Científica

A linguagem foi classificada em natural e científica pelo positivismo do século XIX. A ciência positivista elaborou seus métodos e sua linguagem, dita científica. A linguagem natural vive no cotidiano da comunidade, chamada de senso comum pela ciência. Esta linguagem comum contém, segundo a Academia, imprecisão e incerteza, devido a vícios como ambiguidade, generalidade, contradição e fábulas. A ciência também procura retirar ideologias e emoções de sua escrita, ligadas a política e a literatura respectivamente.

O senso comum forma um conhecimento primitivo, todavia a ciência muda este conhecimento com o tempo. A modo de exemplo: como vemos o deslocamento do sol todos os dias do leste para o oeste, afirmava-se que o Sol circulava a Terra; contudo veio a



Existencialismo Metafísico

Astronomia afirmou que, em verdade, a Terra circula em torno do Sol. Ela usou a linguagem científica, heliocentrismo, para mudar o paradigma. Mas a Ciência também erra. Posteriormente ela própria mudou seu paradigma, pois observações astronômicas mostraram o Universo em expansão. Ou seja nosso Sol não é fixo e nem é o centro do Universo.

Todos querem compreender a realidade em nosso torno. As ciências, as religiões, as filosofias e as artes, alicerces do conhecimento, procuram decifrar esta realidade. Utilizam suas próprias linguagens para isto.

A linguagem científica constrói-se artificialmente em laboratórios, por cientistas que muitas vezes patenteiam suas descobertas com seu próprio nome. Isto leva a linguagem à especialização e precisão conceitual. Com esta técnica especializada e com forte rigor conceitual procura eliminar problemas de ambiguidade, generalidade e incerteza, presentes na linguagem natural. A imprecisão pode distorcer a mensagem, modificar o sentido, o alcance, o significado daquilo que se estudou. Seu estilo elimina:

1 - termos indefinidos, como advérbios indefinidos (longe, perto, além...), numerais indefinidos (muitos, todos, diversos...), artigos indefinidos (um, uns, uma, umas), tempo e espaço imprecisos (acólá, aquém, na noite, amanhã, outro dia...);

2 - interjeições. São reações emocionais em certos momentos. São chamadas de palavras-frases ou frases situacionais. Como tem caráter emocional não relevância científica;

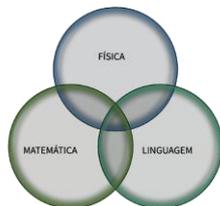
3 - adjetivos superlativos. O adjetivo deve ser evitado em qualquer texto e seu superlativo deve ser eliminado da linguagem científica;

4 – gírias. Elas são coloquialismos e modismos localizados, regionalizados e a Ciência prega o universalismo.

5 – frase exclamativa. Pois demonstra sentimentos e sugere emoção imediata e passageira;

6 – efeitos dramáticos e recursos literários como as figuras de linguagens;

7 – generalização, extensão: entre outras, etc, reticências.



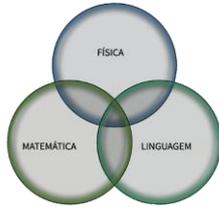
Existencialismo Metafísico

Pesquisas científicas são publicadas para ter credibilidade, autenticidade, validade, recursos financeiros e promoção acadêmica ao autor. Daí a relevância da escrita científica. O processo de publicação de artigos científicos envolve outros cientistas que repetem as experiências da pesquisa. Esta metodologia científica chama revisão por pares, arbitragem ou, em inglês, peer review e visa testar e dar credibilidade a pesquisa. Os editores e revisores geralmente valorizam a clareza, o ineditismo, conclusões lógicas e impacto no meio científico.

Há outra metodologia de divulgação científica denominada Acesso Livre do inglês Open Access ou Open Access Publishing. Refere-se ao acesso livre ao conhecimento. Neste os artigos científicos são disponibilizadas na internet e permite a consulta livremente do texto integral. Há um grande debate político-acadêmico em torno desta metodologia de publicação científica, centro da difusão do conhecimento. De um lado, o Acesso Livre democratiza o conhecimento, doutro lado ele tira o rigor científico e a credibilidade das pesquisas, pois basta apenas pagar pela publicação da duvidosa pesquisa. Pode haver plágio, inexistência de revisores e nem sequer pesquisa. Inescrupulosos cientistas utilizam deste artifício para ascensão profissional e captação de recursos.

As universidades e faculdades possuem autonomia e, em razão disto, elaboram seus próprios manuais de redação que normatizam as publicações técnico-científicas. A regulamentação serve para padronização de publicações de monografias, dissertações, teses, artigos científicos, entre outros textos científicos. Esta normatização facilita o trabalho da apreciação de cientistas, professores e estudiosos. Tais manuais tem como base a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), reforça suas normas e supre lacunas eventuais.

As normas da ABNT são elaboradas por comissões de estudo, formados por representantes dos setores envolvidos, delas fazendo partes: produtores, consumidores e neutros (universidades, laboratórios, etc.). Regulamentam citações, sumários, referências, notas, trabalhos acadêmicos, entre outros. À maneira de exemplo, a ABNT regulamenta a estrutura dos trabalhos acadêmicos que compreende: elementos pré-textuais; elementos textuais; e elementos pós-textuais. Elementos pré-textuais constitui de: capa, lombada (opcional), folha de rosto, errata (opcional), folha de aprovação, dedicatória (opcional), agradecimentos (opcional), epígrafe (opcional), resumo na língua vernácula, resumo na língua estrangeira, listas de ilustrações, de tabelas, de abreviaturas, de siglas e de símbolos (todas



Existencialismo Metafísico

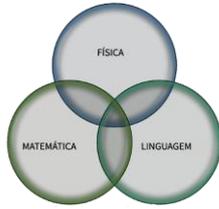
opcionais), sumário. Elementos textuais: introdução, desenvolvimento, conclusão. Elementos pós-textuais: referências, glossário (opcional), apêndices (opcional), anexos (opcional), índices (opcional).

A escrita científica procura objetividade, padrão culto, clareza, padronização em suas redações. Seus textos são dissertativos como regra, pois defendem uma ideia após observarem os fenômenos. Como todos bons textos, procuram coesão e coerência. Vejamos um parágrafo de um trabalho acadêmico deste autor para ilustração:

“Os meios de soluções de conflitos modernamente são chamados de autotutela, autocomposição e heterocomposição. Autotutela foi o sistema primitivo de competição e hoje funciona de forma residual. A autocomposição busca a diplomacia e vem ascendendo no ordenamento. Heterocomposição é versão estatal de juízes no centro, mas chegou ao seu ápice. Na arbitragem atua um juiz não-estatal e é a grande inovação do ordenamento jurídico, com a recente regulamentação da Lei 9.307/96.”

Note que inicialmente classificou os meios de soluções dos conflitos com um vocabulário técnico, para em seguida conceituá-los, sendo que o último houve exemplificação. Classificação, conceituação, exemplificação são técnicas da ciência e do conhecimento. Além disto, a linguagem é técnica, impessoal, precisa e denotativa.

Os jargões, a precisão, as normas da ABNT tornam a linguagem científica chata e entediante. Quando se lê qualquer artigo científico, a vontade é nunca querer aprender a ciência que refere ao artigo. Quem quiser aprender um pouco de ciência deve procurar o jornalismo científico, como as revistas Galileu e Superinteressante, ou o seriado The Big Bang Theory. Estes possuem uma linguagem fluente, quando não divertida.



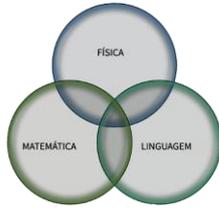
Existencialismo Metafísico

A religião precisa ser expressa pela comunicação. O conhecimento do léxico e das regras da linguagem permite um crente participar do processo religioso. A linguagem religiosa relaciona e integra fiéis à crença dentro de um sistema teológico. Ela também constrói uma verdade para os crentes. A identidade religiosa baseia na linguagem e forma um pensamento homogêneo. Com isto a linguagem é o coração das religiões.

Da mesma forma que outros sistemas de conhecimento, o teológico tem regras, lógica e vocabulário próprios. O discurso religioso enaltece o texto sagrado, base das religiões. Tal escrita sempre é revelada a um profeta escolhido por um deus que dita o texto. Este passa a ser chamado de “a palavra de deus”. Tais escritos constituem de narrações, mitos, rituais, dogmas, verdades absolutas e inquestionáveis, interpretado exclusivamente pelo clero. Alguns apropriam destes textos e afirmam serem os intérpretes, elo entre o todo poderoso e os fiéis. Constroem templos e uma classe hierárquica clerical, elegem objetos, imagens e lugares sagrados. Asseveram ser representante divino, mas sem procuração.

O discurso teológico induz a fé cega de textos e configura a verdade absoluta para o crente. Nada retira a verdade absoluta das escritas sagradas para seus seguidores, nem mesmo contradições e nem mitologias que permeiam todas as escrituras religiosas. A canonização de textos os torna sagrados e por isto imutável. Acaba arrastando para unidade linguística e cultural de uma sociedade, fortalece instituições religiosas e políticas. As escritas sagradas funcionam como um organizador social, como o velho e hoje questionado sistema de castas indiano, oriundos das antigas escrituras Vedas. O não cumprimento das determinações sagradas constitui crime contra deus (es), ou heresia.

Chamam a Bíblia de “a palavras de deus”, contudo seus pregadores trazem uma grave contradição: no contexto que ela “dita”, falava-se o aramaico. Então a palavra de Deus era aramaica. Mas a palavra de deus nem sequer foi escrita em aramaico e sim em latim. A tradução para o latim, então, não poderia ser chamada de a palavra de deus. Logicamente qualquer tradução deixaria de ser “a palavra de deus” para ser “a tradução da palavra deus”. No entanto ela foi escrita em latim, por isto, até recentemente, rezava-se as missas em Latim. O povo nada entendia e nem era para entender nada mesmo, pois a Igreja queria o monopólio da “palavra de deus”. Lutero teve a nobre missão de amenizar este desacerto, ao permitir a livre interpretação e tradução da Bíblia.



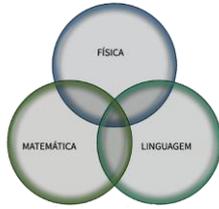
Existencialismo Metafísico

Autoridades eclesiásticas canonizaram e declararam seus textos sagrados, mas as críticas histórica e literária atribuem tais textos aos homens. Outro grave problema hodierno da escrita teológica são os mitos nos textos sagrados. Mitologias como o personagem Deus, cruel e sanguinário no Velho Testamento, que contradiz o Deus do amor no Novo Testamento. Há contradições metafísicas como a defesa da entidade opositora de Deus (vulgarmente conhecida como diabo, demônio, capeta) que retira atributos divinos (onipotência, onisciência). Pior, estas contradições são inquestionáveis, pois é a palavra de Deus. Os fiéis não podem pensar, nem questionar. A fé cega os leva a acreditar em fábulas.

Paradoxalmente a fé do bem (não a fundamentalista e violenta) gera pensamento positivo e produz um bem estar no fiel, já mapeado pela Ciência. Pensamento positivo gera energia e trás resultados físicos importantes ao crente. Assim, por este prisma, a fé é importante para o iniciado. A oração parece conectar o fiel com o Cosmo ou mundo metafísico. Noutro giro, a fé do mal, fundamentalista, que leva a violência, gera rancor e consequências negativas, espirituais e físicas ao crente.

Os crentes não importam com contradições, com fábulas e o Ocidente adotou a mitologia hebraica da criação da vida e do mundo. Entretanto todos os povos e tribos têm suas próprias narrações fabulosas para criação da vida e do Universo. Estudiosos e defensores destas fábulas alegam que elas ajudam a socializar a comunidade, fortalecer as instituições e concorrer para uma identidade social. Concordamos que estes contos ajudaram a organização das sociedades no passado, mas não hoje. Pelo menos nas sociedades modernas, as instituições hodiernas têm autonomia, independência e não necessitam de lendas para suas organizações.

A linguagem teológica das doutrinas cristãs interpreta literalmente a Bíblia e espera acatamento dos fiéis. Não permite outras interpretações, pois são consideradas heréticas e, no passado, tais interpretações foram para a fogueira da inquisição junto com seus autores. Destarte a igreja ambiciona unicidade de interpretação e almeja precisão, como a comunicação científica. Acontece que a Bíblia tem claramente fragmentos de mitologia e poesias e, como tais, permitem mais de uma interpretação. Neste particular, a Bíblia passa a ser aberta a várias interpretações e aproxima da Literatura. Além destes problemas há também problemas



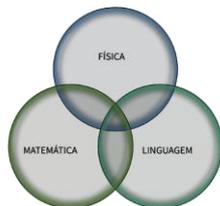
Existencialismo Metafísico

linguísticos e históricos da Bíblia, como autoria, data da escrita, data da publicação e questões de ordem semântica.

Poderíamos então dividir a Bíblia em duas partes: uma que permite várias interpretações, como as que têm aspecto poético e ficção mitológica; e outra que tem o aspecto legal e histórico e que deveria ter única interpretação. Mas mesmo esta parte invariável é criticada e acaba ocorrendo várias interpretações. À guisa de exemplo, faremos uma reflexão em um fragmento bíblico famoso.

Segundo relato bíblico, Moisés recebe o Decálogo de Deus em duas pedras. A linguagem arcaica do hebraico não possuía pontuação nem de divisão das frases. Isto resultou não em tradução única, mas numa celeuma de interpretações, a critério das religiões, para dividir o texto hebreu em 10 mandamentos. Evangélicos, católicos, judeus e ortodoxos não se entendem e trocam acusações de adulteração da Bíblia. Se o leitor olhar a Bíblia dos judeus, dos evangélicos e dos católicos, teremos 12 mandamentos e não 10. Ei-los:

- 1 - Eu sou o SENHOR, o teu Deus;
- 2 - Não terás outros deuses além de mim;
- 3 - Não farás para ti nenhum ídolo;
- 4 - Não tomarás em vão o nome do SENHOR, o teu Deus;
- 5 - Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo;
- 6 - Honra teu pai e tua mãe;
- 7 - Não matarás;
- 8 - Não adulterarás;
- 9 - Não furtarás;
- 10 - Não darás falso testemunho contra o teu próximo;
- 11 - Não cobiçarás a mulher do teu próximo;
- 12 - Não cobiçarás a casa do teu próximo.



Existencialismo Metafísico

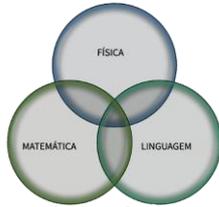
Mas a conta aumenta se considerar cada verbo como um mandamento. Alguns não foram considerados como mandamentos autônomos: não cobiçar o servo do próximo; não cobiçar a serva do próximo, não cobiçar o boi do próximo, não cobiçar o jumento do próximo.

O judaísmo considera um mandamento a apresentação do Senhor (1), enquanto a evangélica considera apenas um prefácio, mas as duas consideram apenas um mandamento os dois últimos (11 e 12). A igreja Católica considera os dois últimos mandamentos (11 e 12) independentes e desconsidera o primeiro por ser uma afirmação e unifica o 2º e 3º mandamento. A considerar a tese de Santo Agostinho que individualizou dois mandamentos da cobiça (desejar a mulher e a casa do próximo) e negou as outras quatro cobiças (servo, serva, boi e jumento) como autônomas, pode-se interpretar que todas as cobiças seriam um mandamento autônomo e que há 16 mandamentos e não 10. Entretanto se considerar cada verbo do texto hebraico como um mandamento autônomo a conta aumenta.

Em síntese, as linguagens religiosas consideram seus textos sagrados, imutáveis e querem interpretação única, como a linguagem científica, administrativa e jornalística. No entanto seus textos possuem fragmentos poéticos e mitológicos e provoca multiplicidade de interpretações e subjetividade. Até seus textos de aspectos legais e históricos também tem outras interpretações e gera a falta de credibilidade no conteúdo. Não se importam com contradições, ambiguidades, clareza, mas querem normatizar e padronizar o comportamento de seus fiéis. Aspiram ao padrão culto, denotativo, mas nem sempre o atingem.

11 - Texto: Linguística Textual

A Arte, a Religião, a Ciência e a Filosofia, principais bases de conhecimento, utilizam a linguagem, principalmente na forma de texto, para tentarem retratar a realidade. Por isto preferimos conceituar o texto como instrumento do conhecimento para retratar a realidade. Para a Religião, via de regra, a esta realidade é absoluta, por causa da fé num Criador absoluto.



Existencialismo Metafísico

Para as outras linhas de conhecimento, a verdade é relativa, em sintonia com a física quântica e a relatividade.

Com a linguagem e também o texto, podemos nos referir a fatos passados ou futuros, abstrair hipótese, falar de pessoas e objetos ausentes. Numa síntese podemos representar a tudo e a todos, mentalmente ou por escrito. Esta representação da realidade na mente do ser, ou no texto, é a visão de mundo particular, pois valoramos fatos e fenômenos particularmente. Criamos uma realidade virtual ao pensarmos, escrevermos ou falarmos, paralela a realidade real, por assim dizer. Quando um processo investiga e chega à autoria de um crime, ele não é o crime em si, mas a representação paralela do mesmo.

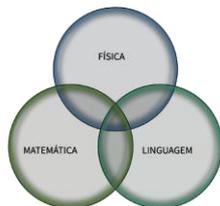
O texto pode ser conceituado, como qualquer outro objeto do conhecimento, segundo a perspectiva teórica e o autor que se adote. Desde os estudos iniciais da Linguística Textual, o conceito de texto, de acordo com a teoria e o autor escolhidos, foi visto de formas diferentes como: unidade linguística superior à frase; sucessão e combinação de frases; complexo de proposições linguísticas, entre outras.

A priori, texto é um signo. O que quer dizer que possui um significado, um conteúdo transmitido por meio desta expressão. Todos os textos estão inseridos em um contexto social, político, cultural, econômico, religioso. Eles apresentam relações internas de significação, constituindo sua dimensão semântica. Têm também relações externas, que remetem a realidade por eles designadas e que constituem sua dimensão pragmática.

Costa Val define texto como unidade linguística comunicativa básica e o caracteriza como unidade sócio comunicativa, unidade semântica e unidade formal. Em razão desta série de unidades, o texto deve ser um todo compreensível e não frases e palavras isoladas.

A unidade sociocomunicativa enumera elementos do intercâmbio entre a produção (do texto) e a recepção, como as intenções do produtor, imagens mentais, espaço de perceptibilidade visual. Esta unidade dá um aspecto pragmático enquanto informação e comunicação.

A unidade semântica tem que ser percebida pelo receptor como um todo significativo. Vale dizer, tem que ter coerência, incumbida do sentido do texto. Daí o aspecto



Existencialismo Metafísico

semântico-conceitual. A unidade formal (material) responsabiliza pela coesão, de maneira que as partes sejam todas integradas.

Textualidade, a autora define como o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, não apenas uma sequência de frases. Aponta os seguintes requisitos da textualidade: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e a intertextualidade.

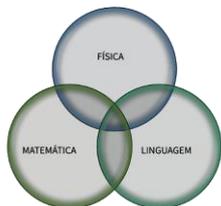
A coerência e a coesão nos remetem a unidade semântica e a unidade formal, promovendo uma relação coerente de ideias, fundamental para a textualidade. A coerência do texto tem uma rede de conceitos que se relacionam, compatíveis com o conhecimento de mundo das partes envolvidas (produtor e receptor).

A coesão expressa na superfície textual pode ser vista através de mecanismos gramaticais e lexicais, como: pronomes anafóricos, artigos, conjunções, concordância no caso da coesão gramatical; e reiteração, substituição e associação no caso da coesão lexical.

Os outros cinco atributos da textualidade nos levam ao aspecto pragmático do texto, sendo que a intencionalidade e a aceitabilidade se referem ao produtor e ao receptor respectivamente. A intencionalidade revela a competência do produtor em construir um discurso coerente, coeso, capaz de satisfazer os objetivos como informar, impressionar, convencer, entre outros. A aceitabilidade, por sua vez, desloca a atenção para o receptor do texto, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor.

A situacionalidade remete a pertinência do texto quanto ao contexto em que ocorre. Vale dizer, é a adequação do texto à situação sociocomunicativa. O autor ainda define coerência pragmática como sendo a necessidade de o texto ser reconhecido pelo receptor como um emprego normal da linguagem num determinado contexto.

A informatividade se dá à medida que as mensagens sejam esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal. Faz-se necessário a suficiência de dados, apresentando todas as informações necessárias para que seja compreendido com o sentido que o produtor pretende.



Existencialismo Metafísico

A intertextualidade é a utilização de diálogo com outros textos. Assim muitos textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros textos, que funcionam como seu contexto.

Relacionando os conceitos de texto e textualidade, a unidade textual se constrói: no aspecto sociocomunicativo, através dos fatores pragmáticos (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informalidade e intertextualidade); no aspecto semântico, através da coerência; e, no aspecto formal, através da coesão.

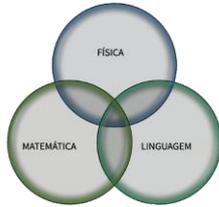
Ingedore Koch, linguista e pensadora, atribui a concepção de texto e de sujeito à concepção de língua adotada, resultando em três correntes doutrinárias. Na primeira corrente abaixo descrita, ela destaca o produtor do texto, na segunda o código do texto, na terceira ela dá ênfase à participação também do receptor ao texto. Observem elas:

Concepção de língua como representação do pensamento, leva-nos a um sujeito psicológico, individual, dono da sua vontade e ações, senhor absoluto de suas ações. O texto é visto como produto do pensamento do autor. O sentido é captado pela representação mental do leitor/ouvinte, que exerce um papel passivo.

Concepção de língua como estrutura (como código, como instrumento de comunicação), teremos um sujeito (pré)determinado, assujeitado pelo sistema, sujeito “sem consciência”, não é dono de seu discurso e de sua vontade. Inserido numa ideologia, numa instituição, ele é apenas o porta voz. O texto é visto como produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte. O sentido é compreendido somente com o conhecimento do código, com a decodificação elaborada pelo leitor/ouvinte que também exerce papel passivo.

Concepção de língua como interação (dialógica), teremos sujeitos psicossociais, ativos dialogicamente. Eles são como atores/construtores. O texto é considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores nele constroem e são construídos. O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos.

Koch cita o filósofo Marcelo Dascal. Este asseverou que o homem é um caçador de sentidos e expõe cinco modelos de busca pelo sentido: o criptológico, o qual o sentido é tirado do sistema de signos; o hermenêutico, o qual o sentido é construído pelo intérprete; o



Existencialismo Metafísico

pragmático, o qual o sentido depende da intenção do produtor do texto; o superpragmático, o qual o intérprete busca o sentido no contexto; o de estruturas profundas causais, o qual o sentido é o produto de um jogo de forças, sendo desnecessária a noção de sujeito. Dascal prefere o pragmático, mas entende que os modelos são complementares.

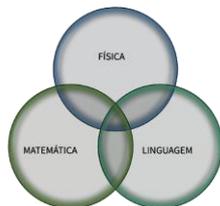
A melhor doutrina adota a concepção de língua como interação de sujeitos ativos. Esse processo se chama de jogo da linguagem e os integrantes – produtor e interpretador do texto – são estrategistas, visando à produção de sentido.

Quanto à estrutura do texto, enquanto comunicação, R. Jakobson afirma que todos os tipos de comunicações, incluído o texto, possui seis elementos:

- 1 – O emissor é o autor da mensagem;
- 2 – O receptor é o que recebe a mensagem;
- 3 – A mensagem é o objeto (conteúdo) da mensagem;
- 4 – O referente é constituído pelo contexto, pela situação e pelos objetos reais, que a mensagem remete;
- 5 – O canal de comunicação é a via de circulação das mensagens;
- 6 – O código é um conjunto de signos e regras de combinações destes signos.

Cada um dos elementos tem uma função na comunicação:

- a - Função expressiva – quem fala; emissor;
- b - Função Conativa – destinatário; os vocativos e a publicidade;
- c - Função fática – canal; oi;
- d - Função Referencial – contexto; estado das coisas;
- e - Função poética – valorização da mensagem;
- f - Função metalinguística – uso da linguagem para explicar a linguagem.



Existencialismo Metafísico

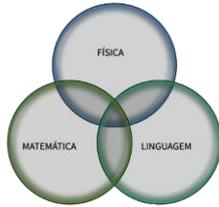
A linguagem religiosa utiliza predominantemente a função referencial. Tal linguagem utiliza também a função conativa, pois busca influenciar os receptores da mensagem, os fieis. Utiliza também a função fática, como na comunicação de ofícios. A função metalinguística é comum quando se utiliza a lei canônica para disciplinar outra lei. A função poética ocorre em seus musicais e poesias. A comunicação religiosa tem a seguinte estrutura: um emissor (a igreja), que passa uma mensagem religiosa, por um canal, utiliza de seu código (linguagem religiosa), dentro de todo um sistema teológico.

12 - Coerência e Coesão

Até os anos 60, estudiosos da Linguística ocupavam-se apenas com as relações entre palavras e frases. Nesta época na Europa, surgiu a Linguística Textual que passou a estudar as relações entre unidades maiores. Nos anos 70, este estudo disseminou, mas até recentemente era desconsiderado pelos professores. Hoje todos manuais de redação evocam a coerência e coesão como requisitos essenciais de um texto.

Coesão atenta para relações formais entre parágrafos, frases e palavras ao gerar a união entre elas por recursos gramaticais. Enquanto coerência cuida das relações de ideias do texto para estabelecer unidade de sentido. Podemos dizer que uma trabalha no nível abstrato ao passo que outra atua no nível concreto, mas as duas promovem a inter-relação semântica e a conexão textual.

Coerência tem relevância no texto devido ao sentido que confere ao mesmo. Ela depende da relação semântica-conceitual. Abarca aspectos lógicos, semânticos e cognitivos na medida em que se quer compartilhar conhecimento entre os interlocutores. A relação estabelecida entre as ideias do texto cria uma unidade de sentido, para dar entendimento e possibilidade de interpretação pelos interlocutores. O sentido emprestado pelo texto deve ser



Existencialismo Metafísico

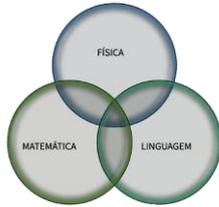
ajustado com o conhecimento de mundo do receptor do texto. O sentido do texto deve ser construído não só pelo autor, mas também pelo leitor que necessita ter conhecimentos compartilhados pelo autor.

Coesão conecta os elementos de um texto, entrelaçando as palavras, as frases e os parágrafos, dando continuidade. Os meios de coesão causam a transição de ideias entre as frases e os parágrafos. Assim a coesão textual liga unidades gramaticais existentes e garantem sua conexão sequencial. O que distingue um texto de uma montoeira de palavras ou frases é o relacionamento existente entre si.

Alguns recursos que respondem pela coesão do texto:

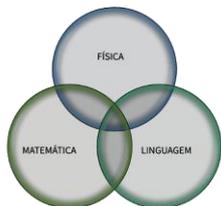
1 - Palavras de transição: consistem em palavras responsáveis pela coesão do texto, formam a inter-relação entre os enunciados (orações, frases, parágrafos), como preposições, conjunções, alguns advérbios e locuções adverbiais. Eis algumas palavras e expressões de transição e seus sentidos:

- *preliminarmente (começo, introdução);*
- *primeiramente (começo, introdução);*
- *inicialmente (começo, introdução);*
- *antes de tudo (começo, introdução);*
- *desde já (começo, introdução);*
- *além disso (continuação);*
- *do mesmo modo (continuação);*
- *acresce que (continuação);*
- *ainda por cima (continuação);*
- *bem como (continuação);*
- *outrossim (continuação);*
- *enfim (conclusão);*



Existencialismo Metafísico

- *dessa forma (conclusão);*
- *em suma (conclusão);*
- *nesse sentido (conclusão);*
- *portanto (conclusão);*
- *afinal (conclusão);*
- *logo após (tempo);*
- *ocasionalmente (tempo);*
- *posteriormente (tempo);*
- *atualmente (tempo);*
- *enquanto isso (tempo);*
- *imediatamente (tempo);*
- *não raro (tempo);*
- *concomitantemente (tempo);*
- *igualmente (semelhança, conformidade);*
- *segundo (semelhança, conformidade);*
- *conforme (semelhança, conformidade);*
- *assim também (semelhança, conformidade);*
- *de acordo com (semelhança, conformidade);*
- *daí (causa e consequência);*
- *por isso (causa e consequência);*
- *de fato (causa e consequência);*
- *em virtude de (causa e consequência);*



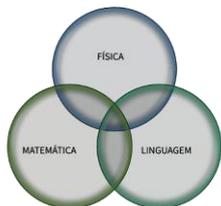
Existencialismo Metafísico

- *assim (causa e consequência);*
- *naturalmente (causa e consequência);*
- *então (exemplificação, esclarecimento);*
- *por exemplo (exemplificação, esclarecimento);*
- *isto é (exemplificação, esclarecimento);*
- *a saber (exemplificação, esclarecimento);*
- *em outras palavras (exemplificação, esclarecimento);*
- *ou seja (exemplificação, esclarecimento);*
- *quer dizer (exemplificação, esclarecimento);*
- *rigorosamente falando (exemplificação, esclarecimento).*

Ex.: *O pastor glorificou Jesus. Isto é elevou o mestre aos céus.* A relação lógica entre as duas frases é coesa pela expressão de conclusão isto é.

Note que não fora usado vírgula após a expressão *assim sendo*. Regras gramaticais anteriores a Linguística Textual disciplinam o uso de vírgula após estes conectores, quando muito facultam ser opcional seu emprego, porque quebram a ordem direta (sujeito, depois predicado). Todavia seu uso é paradoxal, pois como pode um conector juntar e a vírgula separar a um só tempo? Gramáticos costumam enumerar advérbios de tempo, lugar, modo no início da frase como regra do uso da vírgula.

Quando tais advérbios estiverem referindo a frases anteriores são conectores e não se deve separá-los por vírgula. Se eles não referem à frase anterior, é apropriado o seu uso, pois não são conectores e meros advérbios. À guisa de exemplo: O autor do crime entrou na casa da vítima. Logo após praticar o crime, saiu em fuga. Logo após, sintaticamente, é uma expressão adverbial de tempo, mas ela transcende sua função dentro da frase e conecta com a frase anterior. Agora se tais advérbios não são conectores e podem ser deslocados para depois do verbo, concordamos plenamente coma vírgula, pois temos uma mera inversão.



Existencialismo Metafísico

Resumidamente não se usa a vírgula em palavras e expressões, quando iniciam as frases como conectores. Mas se tais palavras e expressões adverbiais são deslocadas propositadamente do fim para o início, emprega-se a vírgula para marcar a inversão. As regras gramaticais que determinam ou facultam o uso da vírgula nestas oportunidades são antigas e merecem uma revisão depois do estudo da Linguística Textual.

2 - Coesão por referência: existem palavras que têm a função de fazer referência, são elas:

- *pronomes pessoais: eu, tu, ele, me, te, os;*
- *pronomes possessivos: meu, teu, seu, nosso;*
- *pronomes demonstrativos: este, esse, aquele;*
- *pronomes indefinidos: algum, nenhum, todo;*
- *pronomes relativos: que, o qual, onde;*
- *advérbios de lugar: aqui, aí, lá;*

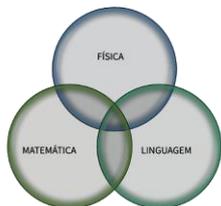
Ex.: *O pastor louvou o Criador. Ele ajoelhou e olhou para o céu.*

Note a relação entre as frases pelos pronomes pessoal (ele) e possessivo (seu) que ligam ao sujeito criminoso da frase anterior.

3 - Coesão por substituição: substituição de um nome (pessoa, objeto, lugar etc.), verbos, períodos ou trechos do texto por uma palavra ou expressão que tenha sentido próximo, evitando a repetição no corpo do texto.

Ex. *O padre subiu no púlpito para o sermão. Este emissário, de posse do livro preto, santificou Jesus.*

Em resumo a coesão confere textualidade aos enunciados agrupados em conjuntos. Enquanto a coerência centra-se no sentido, a coesão centra-se na conexão dos enunciados, mas todos dois querem compartilhar uma ideia com o leitor.



Existencialismo Metafísico

A Bíblia carece destes recursos de coesão. Como ela se trata de um ajuntamento de diversos livros, de autores diferentes, não há coesão entre eles e perda da coerência. Existem varias críticas bíblicas de algumas searas da Linguística. A crítica textual analisa o texto em si para identificar sua origem e traçar sua história. Ela observa os erros nos textos, conforme gerações de escribas reproduziam outros manuscritos. Quem nunca praticou a dinâmica de grupo, em que um monitor conta uma história para um membro do grupo, que conta pra outro, que conta pra outro, até o último membro do grupo? Ao final, a história esta completamente diferente da origem. Isto em apenas alguns minutos. Imagine o que ocorre em anos, décadas, séculos de História.

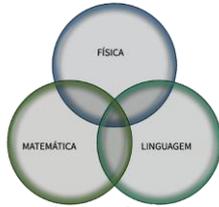
Os escribas copiavam as escrituras, cometiam erros e as cópias de suas cópias também traziam os mesmos erros evidentemente. Os erros formam seguidores de manuscritos: o escriba X produz erros que não estão no manuscrito do escriba Y. Com o tempo, os seguidores dos textos descendendo de X e Y divergirão ainda mais e mais, conforme os erros são adentrados por escribas posteriores.

Tais erros serão sempre identificáveis como descendendo de um ou de outro. A crítica textual estuda as diferenças entre essas famílias para formular uma ideia de como se parecia o texto original. Quanto mais cópias sobrevivem, mais precisa é a reconstrução da crítica.

A Crítica Redacional conta as diversas contradições na Bíblia, sejam explícitas ou implícitas. A crítica redacional observa e aponta erros de redação na Bíblia de forma inegável. Desde as primeiras páginas do Gênesis, encontram-se incoerências, repetições e contradições: dois relatos das origens, apesar de suas diferenças, contam de maneira dupla a criação do homem e da mulher; duas genealogias de Caím; dois relatos combinados do dilúvio; incoerências internas ao texto bíblico, como em Êxodo. Na história patriarcal, há duas apresentações da aliança com Abraão; duas expulsões de Agar; três relatos da desventura da mulher de um patriarca em país estrangeiro; provavelmente duas histórias combinadas de José e de seus irmãos nos últimos capítulos do Gênesis.

Veja contradição na criação:

Gênesis 1: 27 *E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher;*



Existencialismo Metafísico

Gênesis 2: 7-22 Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivente.(...)Javé Deus disse Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante (...) Depois da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem.

A contradição é: o homem foi criado juntamente com a mulher, ou primeiramente que a mulher? Ou Deus teria feito o homem para ser assexuado?

Outra contradição: Gênesis 1:31 *E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom.*

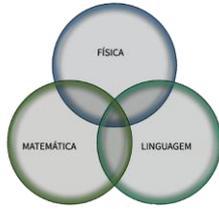
Gênesis 6:6 *Então Javé se arrependeu de ter feito o homem sobre a terra, e seu coração ficou magado.*

Deus ficou satisfeito ou arrependido com o que havia feito?

A Bíblia também tem dois textos do Decálogo: Êxodo 20 e Deuteronômio 5. Pergunta-se: por quê? Erro de Javé ou dos Homens? Não há um conectivo para textos repetidos. Em Linguística tal vício é chamado de pleonasmos, redundância, tautologia. E as contradições entre os textos repetidos prejudicam ainda mais a coerência.

A Crítica das Fontes é a busca de autores (fontes) originais que estão por trás do texto bíblico. A Hipótese Documentária, ou hipótese de Wellhausen em homenagem ao seu autor Julius Wellhausen, a partir de análises rigorosas e sistemáticas, imputam a Bíblia uma união de fontes diversas, de diferentes épocas e regiões para formar um manuscrito final, editado por uma tradição tardia. Vale dizer a Bíblia foi escrita por várias pessoas de épocas diferentes. O número destas fontes é fixado como sendo quatro.

As quatro linhas de tradições literárias foram juntadas e editadas posteriormente para finalizar o Torá. Uma é chamada de javeista ou a fonte de Jerusalém, usa o Tetragrama (YHWH) como o nome de Deus. Esta fonte indica atividade no reino do sul de Judá na época do reinado dividido. Ela é responsável pela maioria do Gênesis. Outra, elohista, usa Elohim com o nome divino até Êxodo, onde o Tetragrama é revelado a Moisés e a Israel. Essa fonte parece ter vivido



Existencialismo Metafísico

no reino do norte de Israel durante o reinado dividido. Escreveu algumas partes de Gênesis, de Êxodo e Números.

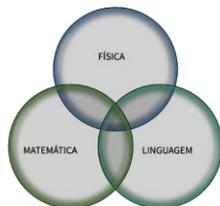
Outra, a deuteronomista, escreveu quase todo o livro de Deuterônimo e provavelmente também os livros de Josué, Juízes, Samuel. Outra fonte foi a Sacerdotal, forneceu o primeiro capítulo de Gênesis, Levítico e outras partes com informação genealógica da classe de sacerdotes. Um redator final juntou todos os trabalhos e concluiu a Torá como conhecemos hoje.

Há um consenso em torno da hipótese documentária, em razão das várias fontes ser a explicação mais plausível pelas contradições, diferenças de terminologia e teologia, histórias duplas e triplas e os interesses geográficos e históricos constantes no Torá. A hipótese tenta conciliar as inconsistências do texto bíblico.

Esta coletânea de textos e autores não permitem os recursos coesivos e prejudicam a coerência.

13 – As Escritas Sagradas e as Letras

As bases de conhecimento utilizam o texto para tentarem retratar a realidade. Igualmente as religiões usam o texto retratando a verdade dos crentes e poder cultuá-la. Para as religiões, a verdade está representada materialmente nas escrituras. No universo da Linguística, as escrituras sagradas são textos. Eles são constituídos por um conjunto de parágrafos, cada um deste composto de um conjunto de frases, as quais constituem de um conjunto de palavras, formadas por um conjunto de letras. No exemplo da Bíblia, temos vários livros, em verdade vários textos, subdivididos em capítulos, versículos.



Existencialismo Metafísico

O ensino das Letras pode ser dividido em Literatura (na forma de Arte) e em Linguística (na forma de Ciência). Vale dizer, Ciência e Arte se conectam neste estudo. Da mesma forma, a Arquitetura tem uma mão na arte e outra na engenharia.

Pela ótica da Linguística, a teoria da comunicação estrutura a linguagem religiosa com os seguintes elementos: emissor, receptor, mensagem, código, canal e o referencial. Numa comunicação religiosa, um emissor divino, utiliza do código (aramaico) para mandar uma mensagem divina, por meio de um canal físico (profeta), para o povo escolhido.

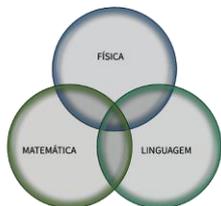
Pela Literatura, temos dois gêneros na Bíblia. Poesia e Prosa. A prosa caracterizada pelo gênero narrativo tem sua construção com os seguintes elementos:

- 1 - personagens: agentes da ação;
- 2 - ação: sequência dos fatos narrados, trama;
- 3 - tempo: tempo cronológico em que se desenvolve a ação;
- 4 - espaço: lugar ou cenário onde se desenvolve a ação;
- 5 – narrador: aquele que conta a história.

A estrutura narrativa literária possui personagens que desenvolvem uma história, dentro de um tempo e um espaço, narrado por alguém. Depois da introdução, a história se desenvolve até o clímax, ápice do drama, para em seguida vir o desfecho, o final da história.

Analisemos a gênese bíblica. Os personagens são Deus, Adão, Eva e a Cobra. O tempo é zero, o início dos tempos. O espaço é o paraíso. O narrador é incerto. Em verdade houve uma tradição oral desta história, mas um religioso vai falar que alguém inspirado por Deus escreveu o gênesis.

O enredo, a ação: Deus, com o poder da palavra, cria o mundo, Adão e Eva. Estes dois tinham plena liberdade no paraíso, só não podiam comer o fruto do conhecimento. A maçã. Vale dizer, Deus os tinham condenados a ignorância eterna. Mas Eva felizmente foi persuadida pela Cobra (nesta época a cobra falava) a comer o fruto proibido. Adão também come. Deus condena a Cobra a rastejar (antes a cobra andava?) e expulsa Adão e Eva do paraíso e os condena a trabalhar. No paraíso, vagabundar era divino e o trabalho era uma sanção por



Existencialismo Metafísico

contrariar Deus. Por causa deste pecado (original), todos nascemos pecadores, mas Jesus nos salvou. Sem dúvida é uma bela história mitológica, que tem uma essência verdadeira. A Criação. Mas interpretá-la ao pé da letra infantiliza a humanidade.

O gênero poesia seleciona e a combina palavras para produzir, rimas, ritmos e sonoridade. Vejam este trecho poético bíblico de São Paulo, musicado por Renato Russo da banda Legião Urbana:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine.

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

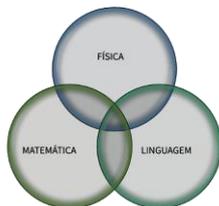
O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.

Quando eu era menino, pensava como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.

Porque agora vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente, como também sou plenamente conhecido.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.”



Existencialismo Metafísico

Notem que ele fala do amor. A ciência e a religião não sabem o que é o amor e cabe a qualquer poeta interpretar e conceituar o que é o amor. A poesia não tem regras, personagens, tempo e espaço. O autor cria suas regras. Ela, sem dúvida, é um texto, mas não estudado pela ciência da Linguística.

Em Linguística, existem vários tipos textuais: descritivo, narrativo, dissertativo, argumentativo, injuntivo/instrucional, dialogado. A classificação mais comum é destes 3: descritivo, narrativo e dissertativo. Sem a permissão de puristas, outros tipos textuais podem ser englobados por estes três. O dialogado pode ser enquadrado no narrativo, o argumentativo no dissertativo e o instrutivo no descritivo.

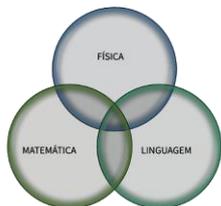
Em síntese descrição é uma espécie de fotografia do objeto descrito ou da pessoa descrita; a narração é uma espécie de filme dos fatos e a dissertação é uma exposição de argumentos que visam convencer alguém de um ponto de vista. Estas categorias textuais são relevantes e faremos uma explanação de cada uma. Vale salientar que é natural a mescla dos três em textos diversos, mas quase sempre um prevalece.

14 - O Texto Narrativo

Narrar é contar uma história. Simples assim. Da criança em tenra idade ao idoso, do homem pré-histórico ao moderno, todos têm compulsão por ouvir e relatar histórias. Está em todos contar histórias. Todos são narradores. Quase sempre sem preocupação por recursos literários. Tradição antiga desde os tempos tribais, quando o ser humano em torno de uma fogueira, relatava suas aventuras na caça. Hoje a fofoca domina as conversas sociais, que no fundo é um conto com personagens e enredo. O sucesso de filmes, novelas, desenhos, histórias em quadrinhos se deve a tal necessidade. As narrativas em forma de texto têm necessidade de haver coerência e coesão, como todos os textos.

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

Fundamental na evolução do homem, a narrativa permitiu o compartilhamento de experiências, troca de conhecimentos, valorização das leis. Muitas fábulas tornaram-se comuns nas tribos para impor leis e religião. Caso da Bíblia. Além das histórias, o Antigo Testamento determina a lei e a religião, retrata a história, a cultura e a economia do povo hebreu.

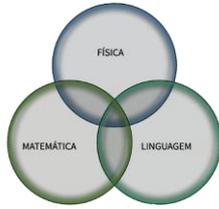
O conto apresenta também função pedagógica. As historinhas infantis encantam crianças com enredos simples, em que o bem sempre vence para o mal e os mocinhos são felizes para sempre. Narrativas são utilizadas nas ciências humanas, como estudo de caso, e matéria-prima para terapias, como na psicanálise.

A narrativa pode ser real ou fictícia. A narrativa bíblica é uma história real para os crentes. Para a ciência e a filosofia, é uma história fictícia, chamada de mitos. No passado e no presente, todos têm esta capacidade de narrar, relacionando personagens e encadeando ações. Toda narração tem um enredo, personagens e um cenário localizado no tempo e no espaço. Daí as perguntas sacramentais de todas as declarações, depoimentos e interrogatórios. O que? Quando? Onde? Quem? Por quê? Como? Com que? Toda história tem começo, meio e fim. A narração é linear nas escrituras.

Tomemos como exemplo o clássico de um caso da gênese bíblica, que responde a primeira pergunta: o que aconteceu? A criação. Quem criou? Deus. O que criou? A vida e o mundo. Quando? No início dos tempos. Onde? No universo. Como? Com a sua vontade. Com que? Com a sua palavra poderosa.

Uma notícia jornalística sensacionalista poderia sintetizar um fato: um meliante matou um turista, para roubá-lo, nesta manhã, na praia de Copacabana, utilizando uma faca. Nesta única frase de duas linhas, estão as respostas de todas as perguntas clássicas. Quem? Um meliante e um turista. O quê? Um matou o outro. Com quê? Como uma faca. Quando? Nesta manhã. Onde? Na praia de Copacabana.

Em Jornalismo, tal síntese figura logo no início da reportagem. Chamada de pirâmide invertida ela fisga o leitor. A Literatura não utiliza tal recurso, pois ela visa criar um clima ao longo de romances, contos e novelas para no final revelar as respostas. Por isto o Jornalismo chama de pirâmide invertida, já que funciona ao contrário da literatura.



Existencialismo Metafísico

Numa narração real, temos compromisso com a reprodução precisa dos fatos relatados pelos personagens. Aqui a linguagem narrativa busca precisão nos acontecimentos, onde há predomínio dos verbos de ação, em geral no pretérito perfeito do indicativo, pois quando se relata algo ele é um fato ocorrido no passado. Narrativa no presente só em jogos de futebol. Narrativa no futuro acontece a depender da imaginação ou de compromissos das pessoas. Também acontece de haver fragmentos descritivos no texto narrativo, como exceção.

A narrativa ficou estruturada na Literatura em cinco elementos: personagens, enredo, tempo, espaço e narrador. Vejamos cada um deles na Literatura e, em seguida, na Bíblia.

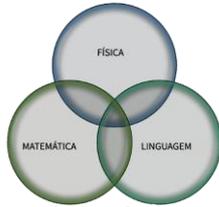
Narrador

É quem conta a história. Em Literatura, há duas espécies de narradores: o narrador que participa como personagem; e outro que não toma parte dos fatos narrados, mero observador. Tais narradores têm ponto vista diferenciados para com os fatos. O narrador-personagem participa no encadeamento dos fatos e pode ser identificado pelos pronomes e verbos utilizados na primeira pessoa. O narrador-observador relata os fatos narrados de fora e pode ser identificado pela utilização do pronome pessoal na terceira pessoa.

Para ficar num exemplo simples, mas didático, um narrador-personagem contaria assim: eu fiz o meu mundo e vi que era bom. Note que os verbos fiz e vi estão em 1ª pessoa, além da utilização do pronome possessivo meu, também em primeira pessoa. Já um narrador-observador diria: e Deus fez o seu mundo e viu que era bom. Aqui os verbos e o pronome estão na terceira pessoa.

O narrador-observador tem atributos divinos: como a onisciência, sabe tudo sobre os fatos; e a onipresença, está presente em todos os lugares da história. No cinema e nas novelas podem ter os dois tipos de narradores, entretanto não é muito comum, pois as imagens quase sempre descartam tais figuras. Os diálogos e os cenários são valorizados na literatura, no cinema e também na Bíblia.

Narradores-personagens são facilmente identificados, pois têm participação direta nos fatos. Já na Bíblia não há tal facilidade. Fundamentalistas dirão que foi Moises e utilizam as



Existencialismo Metafísico

próprias escrituras para “fundamentar” seus argumentos. Cientificamente não qualquer evidência desta autoria. Arqueologicamente não há qualquer indício da existência de Moisés. Linguisticamente o povo hebreu era ágrafo na época de Moisés. Ou seja ainda que Deus tenha escrito os dez mandamentos nas tábuas da lei, o povo hebreu não saberia ler, pois não havia escrita.

Nos relatos escritos, percebe-se a fala dos personagens através discurso. Este representa a fala de terceiros e não do contador da história. Na literatura e na Bíblia temos três espécies: discurso direto; discurso indireto; e indireto livre.

No discurso direto, a fala dos personagens são introduzidas por dois-pontos, travessão e pelos verbos de elocução: dizer, falar, perguntar, declarar, etc. Retratam exatamente o que os personagens disseram. Exemplo:

E disse Abrão a Ló: *Ora, não haja contenda entre mim e ti, e entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos irmãos.*

Há outras variáveis deste estilo, mas esta é muito usada na literatura e na Bíblia.

No discurso indireto, o narrador diz com suas palavras o que o personagem disse. Exemplo:

Abrão disse a Ló para não haver briga entre eles e entre os pastores, pois eles são irmãos.

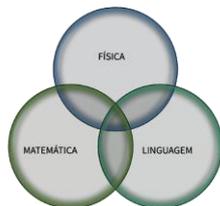
Há ainda o discurso indireto livre, em que o discurso direto e o indireto se misturam.

Exemplo:

Abrão disse a Ló para não haver briga entre eles: *Por quê? Porque somos irmãos.*

Personagens

Em Literatura são seres fictícios que fazem as ações e os diálogos. Assim bichos e coisas também podem ser personagens, além do homem. Costuma-se dividi-los em protagonistas,



Existencialismo Metafísico

antagonistas e secundários. O protagonista é o personagem principal, muitas vezes, chamado de herói e, algumas poucas vezes, de anti-herói. Representa o bem. O antagonista se opõe ao herói. Representa o mal. Os secundários são personagens que têm participação menor. Ainda existem os meros figurantes que apenas dão número a obra.

No Velho Testamento, temos o seguinte elenco: Deus como protagonista; Lúcifer, demônio e outros nomes ao antagonista de Deus; e os secundários são homens e mulheres bíblicas que se tornam protagonistas em alguns episódios como Abrão em gênesis.

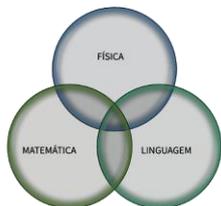
Tempo e Espaço

Todos os fatos, todas as histórias estão ligados ao tempo e ao espaço. Época e lugar referem quando e onde se passa a ação narrativa, seja em qualquer lugar, seja no presente, passado ou futuro. Na Literatura e na Bíblia, o tempo e o espaço diferenciam do jornalismo. Nos roteiros de produções áudios-visuais, o tempo e o espaço podem ser fictícios, podem durar anos, séculos e podem ser até em outros planetas. Há o tempo psicológico, em que o tempo é o que se passa na cabeça do narrador ou dos personagens. Toda história tem começo, meio e fim, mas aqui vale aquela máxima do cineasta Godard: *toda historia tem começo, meio e fim, mas não necessariamente nesta ordem*. A narração não necessita ser linear.

No jornalismo, tempo e espaço são precisos, localizados e utiliza-se apenas o tempo cronológico. Aquele que transcorre na ordem natural, com início, meio e fim. A narrativa é linear. Na Bíblia, tempo e espaço nem sempre são precisos. Não existia um calendário que só surgiu depois de Jesus. O espaço foi o oriente médio em diversas cidades bíblicas e outras não.

Enredo

É a história em si. Encadeamento dos fatos e das ações, também conhecida como trama, ação, intriga.



Existencialismo Metafísico

Há necessidade de uma lógica na história, uma relação de causa e efeito que nas Letras é chamada de verossimilhança (aparência da realidade). Para cada ação e/ou fato haverá uma consequência e novos fatos.

Na Literatura e também no Cinema, a estrutura do enredo pode ser dividida em quatro partes: introdução, complicação, clímax e o desfecho.

A introdução ou apresentação é o começo da história, oportunidade de apresentação dos personagens e fatos iniciais para o leitor se localizar. A complicação é o momento em que ocorre o conflito entre personagens, que pode ser existencial, moral, religioso, político. Principal elemento que dá vida a Literatura e ao Cinema, o conflito cria expectativa ao leitor frente aos fatos narrados. A complicação desenvolve-se até ao máximo, momento do clímax, oportunidade do ápice do conflito. Passado o clímax tem-se o desfecho, que é a solução do conflito e o encerramento da história com um final feliz ou não, cômico ou trágico.

A Bíblia também emprega esta estrutura. Ainda na gênese, o clímax ocorre com o diálogo entre Eva e a Cobra em que Eva come o fruto proibido. O desfecho ocorre com a expulsão de Adão e Eva do paraíso.

Vamos retirar um fragmento narrativo da Bíblia para visualização da estrutura:

Versículos de Números 31 do livro Números da Bíblia: A Vingança contra os Midianitas.

1 O Senhor disse a Moisés:

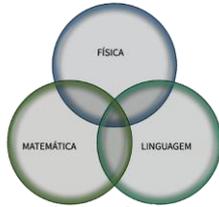
2 “Vingue-se dos midianitas pelo que fizeram aos israelitas. Depois disso você será reunido aos seus antepassados”.

3 Então Moisés disse ao povo: “Armem alguns dos homens para irem à guerra contra os midianitas e executarem a vingança do Senhor contra eles”.

4 “Enviem à batalha mil homens de cada tribo de Israel”.

5 Doze mil homens armados para a guerra, mil de cada tribo, foram mandados pelos clãs de Israel.

6 Moisés os enviou à guerra, mil de cada tribo, juntamente com Fineias, filho do sacerdote Eleazar, que levou consigo objetos do santuário e as cornetas para o toque de guerra.



Existencialismo Metafísico

7 Lutaram então contra Midiã, conforme o Senhor tinha ordenado a Moisés, e mataram todos os homens.

8 Entre os mortos estavam os cinco reis de Midiã: Evi, Requéem, Zur, Hur e Reba. Também mataram à espada Balaão, filho de Beor.

9 Os israelitas capturaram as mulheres e as crianças midianitas e tomaram como despojo todos os rebanhos e bens dos midianitas.

10 Queimaram todas as cidades em que os midianitas haviam se estabelecido, bem como todos os seus acampamentos.

11 Tomaram todos os despojos, incluindo pessoas e animais,

12 e levaram os prisioneiros, homens e mulheres, e os despojos a Moisés, ao sacerdote Eleazar e à comunidade de Israel, em seu acampamento, nas campinas de Moabe, frente a Jericó.

13 Moisés, o sacerdote Eleazar e todos os líderes da comunidade saíram para recebê-los fora do acampamento.

14 Mas Moisés indignou-se contra os oficiais do exército que voltaram da guerra, os líderes de milhares e os líderes de centenas.

15 “Vocês deixaram todas as mulheres vivas?” perguntou-lhes.

16 “Foram elas que seguiram o conselho de Balaão e levaram Israel a ser infiel ao Senhor no caso de Peor, de modo que uma praga feriu a comunidade do Senhor”.

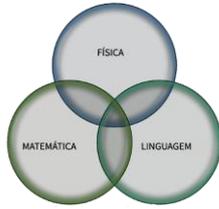
17 Agora matem todos os meninos. E matem também todas as mulheres que se deitaram com homem,

18 mas poupem todas as meninas virgens.

19

32 Os despojos que restaram da presa tomada pelos soldados foram 675.000 ovelhas,

33 72.000 cabeças de gado,



Existencialismo Metafísico

34 61.000 jumentos

35 e 32.000 mulheres virgens.

Fonte: www.bibliaonline.com.br/acf/nm/31

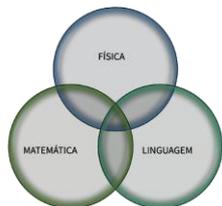
De um lado, temos o povo judeu e os protagonistas (???) Moises e Deus. Doutro lado, temos o povo midianitas como antagonistas (???). Começa com determinação divina a Moises de vingança. Desenvolve com a preparação do exército hebreu e seu envio a guerra. O exército hebreu ganha a guerra, executa parte do povo midianita e saqueia os bens deles. O clímax ocorre no retorno, Moises surta com seu exército que retornou com mulheres e crianças midianitas. O desfecho é o completo genocídio midianita determinado por Moises.

É difícil ver aí Moises e Deus como protagonistas. Genocídio, estupro coletivo de crianças, saques praticados pelos hebreus os coloca como antagonistas e o povo midianita como vítima.

15 - Texto Descritivo

Descrição é a representação, identificação, discriminação, qualificação de algo ou alguém com as palavras. O objeto a ser descrito pode ser uma pessoa, um cenário, uma coisa, um sentimento. Através dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), utilizam-se as palavras para criar uma imagem virtual de objeto, releva as características mais importantes e o distingue dos demais. Além do aspecto visual, físico, material, o ser humano, especialmente, tem uma dimensão psicológica.

A descrição pode ser objetiva ou subjetiva. A descrição subjetiva utiliza a personalidade. Ela tem uma ênfase na expressão que a alma emprega no objeto e faz com que muitos



Existencialismo Metafísico

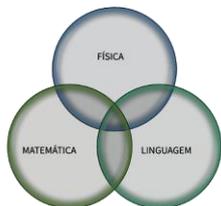
discordem da retratação. Muito utilizada na Literatura, principalmente, na poesia, a retratação subjetiva é menosprezada pela Ciência, pela administração pública.

Enquanto a descrição objetiva busca afastar o observador do objeto a ser observado para uma descrição mais precisa e de maior credibilidade, a descrição subjetiva põe de encontro sujeito e objeto com descrição emocional, caráter pessoal e com menos credibilidade. A descrição objetiva tenta aproximar-se o máximo do objeto a ser retratado, sem impressões pessoais de forma que todos o entendam de modo preciso. A linguagem descritiva objetiva usa vocabulário técnico para uma descrição técnica. Exemplos são as bulas e os manuais de aparelhos eletrônicos. Estes contêm instrução de uso, validade, contraindicações de forma clara e precisa por questões de saúde e segurança. A escrita imprecisa e pessoal nestes casos podem acarretar danos irreparáveis e graves consequências jurídicas.

Quando se fala que a descrição objetiva busca afastar objeto e sujeito, em verdade é busca mesmo, pois os dois são interdependentes. Como foi exposto na tabela romildiana no capítulo introdutório, não existe 100% de objetividade ou 100 % de subjetividade em qualquer texto. Por mais científico que seja o texto, ele terá uma pequena parcela de subjetividade. Da mesma forma, o texto artístico tem um pouco de objetividade, ainda que imperceptível.

De tal modo o texto descritivo científico é predominantemente objetivo, tem foco no objeto e visa esclarecer e convencer o leitor como numa descrição técnica. Sua linguagem é denotativa e o vocabulário preciso. O texto descritivo literário é predominantemente subjetivo, tem foco no sujeito, visa emocionar e agradar o leitor como num poema. Sua linguagem é conotativa com muitas metáforas e comparações.

A estaticidade é um atributo da descrição. Esta não envolve movimento e nem ação, pois a representação do objeto ou pessoa é como um retrato que para no tempo. As palavras que representam o objeto são adjetivos e locuções adjetivas. Ao modo de exemplo, ao descrever um homem como bonito, baixo, ignorante, temos uma descrição subjetiva, passível de outras descrições subjetivas. Mas se o caracterizarmos como 1,70 m de altura, 81 kg de peso e com uma tatuagem do Corinthians no braço esquerdo, temos uma descrição objetiva, sem a possibilidade de uma descrição diversa. Todavia a descrição subjetiva ou objetiva será sempre estática.



Existencialismo Metafísico

Em razão deste fixismo, empregamos os verbos de estado (ser, estar) ou de ligação para caracterizar o objeto. O carro é amarelo e tem air-bag. Os verbos citados também são muito utilizados no pretérito imperfeito do indicativo para caracterizar pessoas e objetos, pois estes nem sempre estão presentes. Ou seja, as pessoas viram as coisas no passado. Ao tentar descrevê-los, as pessoas usam o verbo também no passado. Exemplo. O criminoso era baixo e tinha uma cicatriz. Geralmente usam o verbo no passado para voltar à cena do crime e identificar o criminoso.

Comparações e metáforas partem das semelhanças com outros objetos e também são recursos para descrever objetos e pessoas. Entretanto a metáfora é muito usada na Literatura e não recomendável para caracterizar objetos e pessoas na ciência e na administração pública, devido ao princípio da impessoalidade.

A descrição também é utilizada como relevante técnica em textos narrativos e dissertativos. No texto narrativo, a caracterização de personagens, cenários e objetos que surgem na história ajuda na construção da narrativa. Tal caracterização é descritiva. Igualmente na dissertação a descrição de dados colhidos numa investigação científica auxilia na argumentação e no convencimento do interlocutor. Destarte podemos falar em predominância de textos, sejam descritivos, narrativos ou dissertativos.

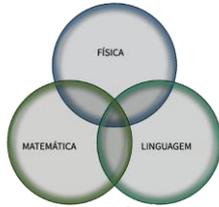
A administração e a ciência trabalham com a linguagem descritiva objetiva, pois necessitam de unicidade de interpretação de sua escrita. A Bíblia e a literatura utiliza a descrição subjetiva, pois não há imagens para os leitores visualizar como no cinema e na novela. Assim o autor utiliza da descrição para ativar a imaginação do leitor. Veja a descrição da criação do mundo em gênesis 1.

No princípio criou Deus o céu e a terra.

E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

E disse Deus: Haja luz; e houve luz.

E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas.



Existencialismo Metafísico

E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.

E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas.

E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão; e assim foi.

E chamou Deus à expansão Céus, e foi a tarde e a manhã, o dia segundo.

E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi.

E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom.

E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela sobre a terra; e assim foi.

E a terra produziu erva, erva dando semente conforme a sua espécie, e a árvore frutífera, cuja semente está nela conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

E foi a tarde e a manhã, o dia terceiro.

E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos.

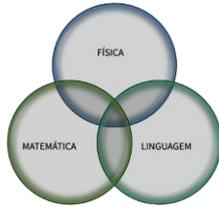
E sejam para luminares na expansão dos céus, para iluminar a terra; e assim foi.

E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas.

E Deus os pôs na expansão dos céus para iluminar a terra,

E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom.

E foi a tarde e a manhã, o dia quarto.



Existencialismo Metafísico

E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus.

E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra.

E foi a tarde e a manhã, o dia quinto.

E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi.

E fez Deus as feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.

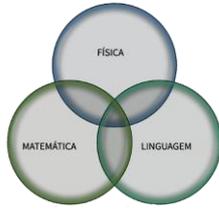
E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.

E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento.

E a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde será para mantimento; e assim foi.

E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto.



Existencialismo Metafísico

Gênesis 1:1-31

Notem que não há diálogo, mas apenas um monólogo. Deus fala para ele mesmo, contudo o texto é predominantemente descritivo.

16 - Texto Dissertativo

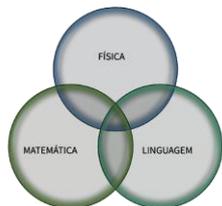
Dissertar é defender uma ideia. Emprega um texto lógico que defende uma opinião, um ponto de vista com argumentos convincentes. A ideia deve ser posta de maneira crítica com fundamentos que defendam o ponto de vista. Pode e deve apresentar ideias e argumentos contrários para, em seguida, refutá-los. Enquanto no texto descritivo temos como núcleo uma fotografia e no narrativo um filme, no texto dissertativo temos uma ideia como núcleo. Inicialmente delimita-se um tema dentro da realidade para, na sequência, defender um ponto de vista com argumentos diversos. A finalidade é convencer o leitor.

A dissertação necessita de precisão, técnica e eliminar conotações políticas e ideológicas. A ideologia é a visão de mundo de determinada classe. Como existem diversas classes, várias ideologias estão em confronto permanente numa sociedade. A ideologia é velada e sutil, utilizando a linguagem para se sustentar no poder. Os textos têm múltiplas interpretações com diferentes níveis ideológicos. Além das falácias, a ideologia utiliza recursos retóricos como as metáforas, coerência, pressuposições e os sentidos das palavras. A linguagem científica deve tomar cuidado com tais questões ideológicas.

Ela também deve evitar componentes emotivos, campo da Literatura. Não há lugar para pessoalidade e parcialidade na dissertação. Esta, então, presencia os trabalhos científicos. A linguagem dissertativa deve ser clara, precisa e com forte rigor conceitual, visando escapar dos problemas de ambiguidade, vagueza e incerteza, presentes na linguagem natural. Tais vícios podem levar o destinatário da comunicação a não compreender o sentido, o alcance, o significado daquilo que leu ou escutou. Como visa convencer um interlocutor, a relação com o

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

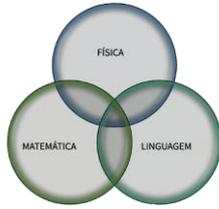
autor é dialética. Deve o autor adotar seu ponto de vista e preocupar-se com outros prismas, apresentar ideias contrárias, possíveis objeções e refutá-las em favor de sua ideia.

A Academia utiliza a palavra dissertação para designar um trabalho final do curso de mestrado. Porém a monografia e a tese também são textos dissertativos e também trabalhos finais de conclusão da graduação e doutorado respectivamente. A diferença entre elas é apenas de grau. Monografia é trabalho aprofundado de um tema delimitado, mas sem inovação de conhecimento. Dissertação é um estudo com inovações no conhecimento. Enquanto a tese exige maiores inovação de conhecimento. Quando falarmos em dissertação, estaremos falando em sentido linguístico e não acadêmico.

Existem duas estratégias de argumentação para se defender uma ideia: por raciocínio e por exemplificação. O raciocínio utiliza artifícios lógico-científicos: conceituação, identificação, causalidade, análise, síntese, dedução, indução, comparação, mapeamento, classificação, catalogação, silogismo, hipótese, codificação, decodificação, entre outros. Exemplificação se baseia em fatos e exemplos concretos para complementar, materializar os argumentos abstratos do raciocínio.

A lei de causa e efeito já foi um axioma supremo da Ciência. Noutra extremo, o acaso é cego e não pode produzir efeitos inteligentes. Um acaso inteligente não seria mais acaso. Kant afirmava que a lei da causa e efeito é eterna, absoluta e é uma propriedade da razão humana, pois esta considera tudo dentro de uma relação de causa e efeito. O racionalista é aquele que tem confiança na razão humana enquanto fonte de conhecimento do mundo. A lei da causalidade está na natureza e faz parte de nós. Como exemplo, Kant cita a bola rolando que o gato sai atrás e nem quer saber de onde veio, mas o homem quer saber de onde ela veio e se uma criança vem atrás dela. A lei da causalidade é mais relevante tipo de raciocínio.

A indução é um método científico de estudo, consiste em experimentações de fenômenos que, por vezes repetidos, obtém o mesmo resultado e nos leva a lei geral. A dedução é um processo inverso e complementar da indução, que através de lei geral, nos leva a casos particulares. A ciência do Direito usa da indução para codificar suas leis e da dedução para decodificá-las e aplicá-las. À medida que as pessoas praticam um ato rotineiramente, vira costume e induz a lei. Sancionada a lei, os particulares devem acatar a lei geral.



Existencialismo Metafísico

De forma sucinta, mapeamento utiliza a geografia na argumentação. Classificação procura diferenças e semelhanças para fazer associação de classes. Análise decompõe o todo para estudá-lo, enquanto na síntese resume o todo. No silogismo usamos de duas premissas para concluir uma verdade, enquanto na catalogação é a enumeração de todas espécies existentes dentro de uma classificação.

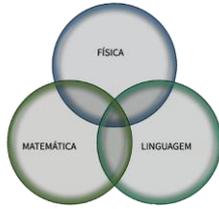
Na argumentação por exemplificação, temos apresentação de dados e fatos. Tais recursos argumentativos materializam a ideia, ao se juntar com o raciocínio torna concreta uma ideia abstrata. Isto leva o interlocutor a raciocinar, ao mesmo tempo a perceber com os sentidos o que queremos defender no processo do conhecimento. Os fatos-exemplos leva solidez às dissertações.

Estatísticas, estudo de caso e analogias são outros recursos para materializar ideias abstratas. Estatísticas são métodos para coletar, analisar e apresentar dados (informações), por meio de amostragem. Estudo de caso é conhecimento aprofundado de exemplo escolhido criteriosamente. Analogia compara um caso já amplamente estudado no entendimento de um caso novo.

Há ainda outros recursos como argumento contra o homem e argumento de autoridade. Eles baseiam na associação do autor à ideia de forma negativa (contra o homem) ou positiva (de autoridade). Imagine um empresário, fazendo um discurso ecológico, mas suas empresas sempre poluíram a cidade. Alguém pode usar do argumento contra o homem, desqualifica o empresário e defende sua opinião, contrária a do empresário. No argumento de autoridade, defendemos nossa posição com base em alguém que tem expertise (autoridade) no assunto.

Neste universo da argumentação temos que tomar cuidado com as falácias. Elas são técnicas de persuasão sem lógica e com uma certa malandragem. Utilizam de apelações, ameaças, generalidades, falsos axiomas, premissas falsas, chantagens emocionais, mímicas, gestos, falsidades sem a percepção do interlocutor.

Em escrituras sagradas não se fala argumentos, mas apenas na crença cega. Fica difícil vislumbrar um texto dissertativo nas escrituras sagradas. O único “argumento” que utilizam é o que está escrito na Bíblia. Jesus é sempre citado por pastores e padres como argumento de



Existencialismo Metafísico

autoridade, mas apenas o Jesus da fé e não o Jesus histórico. Todavia a moral evangélica atribuída a Jesus é inegável.

Estrutura do Texto Dissertativo

O texto dissertativo tem uma estrutura comum, composta de introdução, desenvolvimento e conclusão. Ao começar um texto, a introdução delimita o tema e apresenta o ponto de vista a ser defendido. Delimitado o tema, não cabe divagações impertinentes. O desenvolvimento usa dos vários recursos lógico-científicos apontados, como conceituação, analogia, histórico, classificação, catalogação, para justificar seu ponto de vista. Para materializar ideias e conceitos abstratos, deve-se exemplificar, enumerar e demonstrar por estatísticas. Na conclusão, volta-se a reafirmar seu ponto de vista. Ou seja de forma cíclica volta-se a introdução reafirmando o tema e ideia.

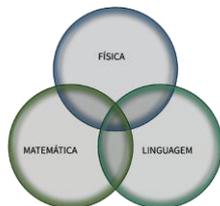
Da mesma forma, um parágrafo-ideal dissertativo tem que ter uma ideia-núcleo e ideias secundárias que ratificam a ideia-núcleo.

Vejamos um exemplo:

A Bíblia versa a história do povo hebreu. A gênese descreve a criação do povo hebreu por Javé. O êxodo narra a fuga do Egito pelo povo hebreu, liderado por Moises. Números exalta as batalhas do povo hebreu rumo a Canaã. Por estas e outras a Bíblia é uma história particular, localizada no tempo e no espaço.

A primeira frase apresenta a ideia-núcleo. A segunda, terceira e quarta frases são ideias secundárias que corroboram a primeira. A quinta e última frase conclui e volta para ideia-núcleo.

A estrutura do texto dissertativo, da mesma forma que o parágrafo-ideal, divide-se em introdução, desenvolvimento e conclusão. Singelamente se diz início, meio e fim. Vejamos cada uma delas.



Existencialismo Metafísico

Na introdução, apresenta-se a ideia e delimita o tema. Há vários jeitos e estilos para iniciar uma dissertação. Pode começar com um fato, uma pergunta, uma estatística, um ditado popular, uma citação de alguma autoridade, uma comparação, uma conversa com leitor. Só não pode fazer dramatização, suspense, pois são recursos literários e visam emoção. Para citarmos alguns exemplos, Jesus Cristo foi uma grande autoridade moral do planeta. Quiçá o mais citado. Uma de suas parábolas, um de seus sermões ou uma de suas máximas são sempre bem oportunos para se defender uma ideia moral, muito utilizado pela linguagem teológica.

O futebol, pelo fato de ser popular, é muitas vezes iniciado numa comparação a outro tema complexo, com finalidade didática. O ex-presidente Lula utilizava metáforas futebolísticas em seus discursos. Dados estatísticos, muito utilizados pela linguagem científica, são argumentos robustos para dar autoridade ao texto, uma vez que aproxima ciências humanas à matemática.

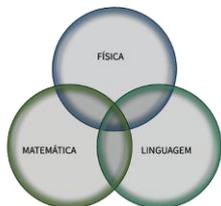
Apresentado e delimitado o tema na introdução, o desenvolvimento dará continuidade com argumentos que defendam a opinião, o ponto de vista, a ideia inicial. Tais argumentos podem ser pelo raciocínio ou pela exemplificação, mencionados anteriormente. Quando afirmamos algo, devemos justificar tal afirmação.

Na conclusão, a dissertação volta-se a ideia inicial para reafirmá-la. De forma que há paralelismo entre a conclusão e a introdução. A conclusão tornou-se uma síntese e fecho da dissertação. A Bíblia predomina o texto narrativo e o descritivo como exceção. Dispensados pela fé cega, textos argumentativos buscam racionalidade e técnicas científicas para demonstrar uma verdade.

17 – O Discurso Religioso

O pastor caminha para o púlpito com o livro preto debaixo do braço, com seu terno igualmente preto. Sobe no altar e sentencia:

- Esta é a palavra de Deus.



Existencialismo Metafísico

Este micro teatro nos leva a pensar: a Bíblia é a palavras de Deus? Mas se a Bíblia é palavra de Deus, o Alcorão não o é? Cristãos e mulçumanos têm seus deuses e suas escrituras sagrada e querem, como o povo judeu, exclusividade. Querem um deus pra chamar de meu.

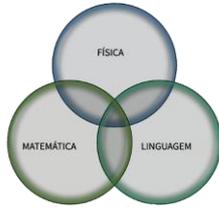
A Bíblia, numa rápida síntese, é composta de duas partes, sendo a primeira denominada Velho Testamento, onde se encontra também o Torá, livro sagrado da religião israelita, traz Deus como principal personagem. Neles se podem encontrar relatos da cultura, economia, história e mitologia do povo hebreu, mas adotado pela Igreja e por todo Ocidente.

Na segunda parte temos o Novo Testamento, o Evangelho de Jesus, relatado por Mateus, Lucas, João e Marcos. Nele encontramos a vida, obra e morte de Jesus. Os personagens centrais da narrativa bíblica, Deus e Jesus, apresentam duas teologias diferentes: a teologia da guerra e a teologia do amor. Por serem diferentes as teologias, os judeus descartaram a teologia de Jesus. Até hoje eles conservam a teologia da guerra e a aplicam em seus vizinhos árabes.

Numa análise direta e literal, observa-se que o popular livro preto não trata da “palavra de Deus”, mas das palavras, das frases, dos parágrafos, dos capítulos, em fim, de um livro, ou vários, de Deus. Este texto para ser texto divino obedece a regras internas da sintaxe, da ortografia, da semântica, da gramática. Assim, a bem da precisão do Absoluto (pelo menos Absoluto que se preze, senão teríamos imprecisão e não mais seria Absoluto), dever-se-ia dizer: “estas são as palavras, as frases, os capítulos, os livros, as sintaxes, as ortografias, as gramáticas de Deus”. Num resumo: este é o texto de Deus.

Linguisticamente vemos a Bíblia como um texto e todo texto tem contexto. Apesar de todo idioma tentar a unificação, a língua varia conforme o contexto. Assim o nosso português, a título de exemplo, varia no tempo e no espaço. Essas diferenças podem ser fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas. Além destas variáveis diretas, temos outras tantas indiretas como de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais.

Se alguém quiser ser preciso, tem que levar em conta todas as variáveis. Do macro para o micro: eu falo a língua portuguesa do Brasil, da Bahia, em Porto Seguro, como homem de 40 anos, nível pós-graduado, classe média, etc. Levado ao extremo se pode dizer, amigo leitor, que você tem uma língua só sua.



Existencialismo Metafísico

Além destas variações no espaço, trazemos variações no tempo. Vale dizer, a língua muda no tempo. Com o tempo, estrangeirismos, gírias, a cultura vai sedimentando palavras e expressões em nós. A mudança está em nós e está em nossa língua. Porém paralelo a esta força da mudança, outra força se faz igualmente necessário. A força da conservação. Gramáticos prescrevem regras para o funcionamento da língua; dicionaristas tentam definir os significados precisos das palavras; a ortografia é imposta por decreto-lei governamental.

Por tudo que a Linguística nos oferece, fica difícil sustentar que a Bíblia é a “palavra de Deus”. Como pode a igreja pregar um Deus grandioso e onisciente sem ciência de seus próprios princípios naturais? Não há o mínimo de racionalidade nisso. Se não houver questionamentos, sobrarão apenas a equivocada fé cega. Ah! Sobra também a indústria da fé que produz igrejas milionárias.

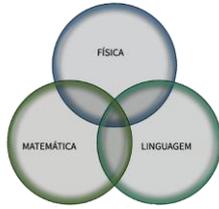
Padres e pastores, em seus alteres, asseveram que estão pregando a “palavra de Deus”. Apesar das palavras serem ditas por homens, a Igreja entende que tais palavras foram inspiradas por Deus. Tais palavras seriam, assim como o Absoluto, imutáveis, eternas para todo o sempre. Mas e se tal “verdade” não é verdade, muito menos absoluta e imutável. É o que pensa todas as ciências que estudam o assunto. O livro deste autor, *Decálogo, Leis Humanas*, mostrou estudos que negam autoria divina da Bíblia, como a Filosofia, Mitologia, História, Arqueologia, Linguística, Literatura, Física e a Biologia. Além destes estudos, demonstrei juridicamente que o Decálogo não se trata intervenção direta de Deus nas leis dos judeus, mas apenas processos jurídicos naturais.

O ato de pensar é o principal atributo do homem. Os dogmas ceifam este ato. Sem este atributo, o fundamentalismo e o terrorismo tem campo fértil. Da mesma forma, o militarismo tira o ato de pensar e produz horrores.

Mas por que as religiões arrebatam bilhões de seguidores? Bom, todas as religiões pregam um mundo metafísico, povoado de deuses, anjos, orixás, ancestrais, demônios, entre outros. Apesar da teologia infantil, as religiões conectam o mundo físico e metafísico. Além disso, há ideologia nas religiões, o poder, custe o que custar. Sem procuração divina, muitos falam em nome de Deus, Jesus, Maomé e todo tipo de divindade. Ao contrário das religiões, juridicamente isto é crime de falsidade ideológica. Mas expliquemos a questão política-ideológica.

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

Biblicamente Moisés e o povo hebreu viviam exilados num estado teocrático. Vale dizer, no Egito, o faraó era um soberano ditador, adorado como um deus. Culturalmente e contextualmente, Moisés atribuiu autoria divina às suas leis para um povo ignorante, acostumado com o engodo egípcio. Senão tais leis não seriam respeitadas.

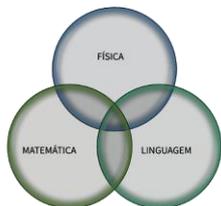
Vale salientar também outra influência política e cultural na Bíblia e no povo hebreu, outro exílio, o babilônico. O contato com a cultura deles influenciou a escrita bíblica e alegaram autoria divina do Decálogo. O famoso Código de Hamurabi também creditava origem divina de suas leis que também foram escritas numa pedra. Estas semelhanças não são coincidência, mas sim apropriação cultural.

Hodiernamente a maioria dos estados é laica (separação de estado e de religião). A secularização foi um processo lento, mas manteve, via de regra, a liberdade religiosa e o pluralismo religioso. Porém alguns estados aniquilaram as religiões. Sob o comando da velha Rússia, alguns estados se tornaram ateus.

O status de deus-rei foi paulatinamente dissolvendo e dois pensamentos políticos passaram alternar na história da humanidade: o moralismo político (de fundo idealista) que prega fins comuns e valores como igualdade, liberdade, justiça, entre outros; e o realismo político que foca o poder, o conflito, a corrupção e rejeita o moralismo.

As necessidades humanas nos leva a política. Não podemos ter tudo que queremos no mundo, então teremos lutas e diálogos para obter bens e valores como liberdade, igualdade e justiça. Recentemente na história, Marx inovou com o pensamento político ideológico que prega a vitória dos trabalhadores e da tecnologia sobre a escassez. O grande erro de Marx foi valorizar um direito, a igualdade, em detrimento de outro, a liberdade. Hoje valores como democracia, direitos humanos, economia aberta e governo constitucional tornaram-se universais no mundo ocidental.

Na contramão das democracias, ainda existem as teocracias. Perigosamente, países de maioria muçumana, ainda unem política e religião, vivem ditaduras teocráticas muitas vezes sob comando de seitas radicais e violentas. Quando a religião detém o poder político, detém também a arte, ciência, filosofia, o direito, enfim, a vida dos fieis. Neste caso direitos humanos



Existencialismo Metafísico

não existem e tribunais eclesiásticos aplicam penas cruéis e a lei de talião. Não há liberdade de pensamento e nem individualidade.

O Islã não é apenas uma religião, pois em sua essência é uma ideologia política. Islã significa submissão e adota um sistema de regras rígidas para a sociedade e a vida de cada pessoa. O Islã não é compatível com a liberdade e a democracia. A Sharia, mistura de direito e religião, dita todos os aspectos da vida do homem. O modo de vida mecanizado é 100 % religioso.

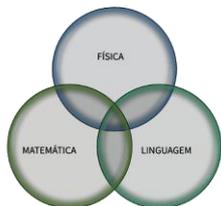
Maomé foi um grande líder político-religioso. Promoveu o monoteísmo, a libertação de escravos, direitos trabalhistas e outros direitos de igualdade. Promoveu também a guerra e junto com ela alguns trechos belicistas no Alcorão: “matai os idolatras”. A Bíblia também carrega também uma violência extremada. Javé é mandante de homicídios, genocídios, pedofilia, entre outros crimes bárbaros. O Alcorão, como a Bíblia, é produto cultural, localizado no tempo e no espaço.

Muitos muçulmanos interpretam o Alcorão de forma pacífica, mas são os radicais que assumem o poder político-religioso. Os muçulmanos pacíficos acabam reprimidos pela violência ou ideologia dos radicais. O imperialismo islâmico acaba sendo visto com certo receio pelos ocidentais. Eles imaginam submeter todo o planeta a Sharia.

O Ocidente já conhece esta história de violência religiosa, quando a igreja Católica tinha o poder político e mesmo depois quando tinha influência política. As Cruzadas, a Inquisição, a imposição doutrinária aos colonizados são exemplos de abusos, violência, tortura e todo tipo de crime contra a humanidade em nome da fé. Felizmente para o Ocidente, ela perdeu influência do poder político.

Direitos humanos no Ocidente, como a vida e a integridade física, foram conquistados graças a filósofos, juristas e políticos. A Igreja nunca ligou a mínima para direitos dos homens, pois sempre se concentrou no divino e seus dogmas. Para o homem, a Igreja impõe deveres e não direitos. Sem poder político, sem autoridade para impor, os crimes eclesiásticos migraram para outros, como pedofilia e preconceito.

Como na antiguidade, a igreja atual atribui autoridade divina aos seus clérigos. Seu sistema hierárquico passa longe da democracia, mas bem próxima de uma ditadura militar. Sua



Existencialismo Metafísico

rígida hierarquia traz punições severas para indisciplina. Sua justiça não possui princípios processuais democráticos, garantismos consagrados como a ampla defesa e o contraditório.

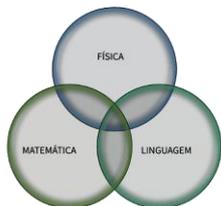
A Política saiu da Religião, mas a Religião não saiu da Política. Todas religiões são uma espécie de teocracia. Num plano macro, realmente o Criador governa por meios de leis naturais. Assim as religiões têm um fundo de verdade. No plano micro, as religiões usam esta ideia do Criador para exercer poder ditador. Contudo a política menos pior é a democracia.

Na teocracia, os religiosos governam em nome de um deus ditador, mas sem nenhuma procuração divina. Líderes teológicos, sem nenhuma autorização divina, praticaram desmandos. No Ocidente, papas insuflaram guerras e acumulavam fortunas; o clero mostraram ostentação, hipocrisia e arrogância. Pior, não havia nenhuma autoridade legal para conter tal mal.

A Igreja subiu no trono em Roma, onde fora enterrado o apóstolo Pedro, o qual, diz a igreja, fora o primeiro Papa. No entanto o duvidoso apóstolo Pedro negou Jesus por três vezes, segundo a Bíblia, e nem fora o melhor dos apóstolos. Nem sequer há um evangelho oficial dele. Seu evangelho, contraditoriamente, foi declarado apócrifo pela própria Igreja. Mesmo assim, com este argumento, atribuíram autoridade divina ao papa. Aparece a infalibilidade papal.

O papa é infalível e a Bíblia é a palavra de Deus. Os grandes reis e sacerdotes atribuíam autoridade divina a si para dar credibilidade a suas palavras e ações. Mas nenhum deles tinha procuração divina. Nenhuma via. Segundo a Bíblia, Jesus e Moisés, aparentemente, tinham uma procuração verbal de Deus. Estes não montaram nenhuma igreja, mas tentaram a unificação do pensamento moral e divino.

Antes perseguidos pelos romanos, depois os cristãos assumem o poder e passam de perseguidos a perseguidores. Lembre-nos um jornalista, referindo ao PT quando assumiu o poder no Brasil: é o mesmo filme com papéis trocados de oposição e governo. O poder político tem destas coisas. Carl Jung via duas forças irreconciliáveis. O Amor e o Poder. Dizia: *Onde reina o amor, não há vontade de poder, e onde domina o poder, falta o amor. Um é a sombra do outro.* Já John Emerich via apenas corrupção no poder. Ele disse: *O poder corrompe. O poder absoluto corrompe absolutamente.*



Existencialismo Metafísico

No poder, a Igreja estruturou seu tribunal de Inquisição e caçou “bruxas” e infiéis. Sua justiça tinha como principal prova de acusação, quiçá única, a confissão sob tortura. Bastava um cidadão não gostar do vizinho e informar a Igreja que ele era um herege para soldados prendê-lo, torturá-lo e executá-lo na fogueira santa.

Esta maléfica estratégia eclesiástica envolvia toda a comunidade na caça aos hereges para torturá-los e matá-los. Tal tática ganhou as ditaduras, como o fascismo, nazismo e comunismo. Uma instituição forte, totalitária, imperialista, como a Igreja, inspirou estados ultranacionalistas, mobilizadores da massa vigilante das ideologias de um estado forte. A violência justificou ideais do seu líder militar. Como a Igreja, estes estados não simpatizavam com a democracia.

A estratégia criada pela igreja foi também empregada pela ditadura militar no Brasil. Havia até a malfadada polícia política (DOPS). Bastava alguém acusar seu vizinho chato de “comunista”, que um eficiente soldado ou policial estava na porta para prender o “subversivo” e levarem-no a tortura. Esta foi a herança da Igreja para a humanidade: ditadura, imperialismo, táticas de manipulação social com seus dogmas, justiça injusta com a tortura.

A Inquisição foi fundada durante os séculos XII e XIII. No século XIX, os tribunais da Inquisição foram suprimidos pelos estados europeus, mas foram mantidos pelo Estado Pontifício. Em 1908, a instituição foi renomeada Sacra Congregação do Santo Ofício. Em 1965, o Vaticano maquiou a Inquisição com outro nome, Congregação para a Doutrina da Fé. Sua função é ainda difundir a doutrina católica, como o mito do Decálogo, mas sem o poder político, sem o poder da fogueira na aplicação da pena capital. O fogo simbolizava a purificação, configurava a ideia de desobediência a Deus (pecado) e ilustrava a imagem do inferno. Hoje se pode dizer que o inferno era a Igreja.

A Inquisição tinha poder político para autorizar, ou não, impressos de livros. Assim ela controlava o pensamento e proibia conteúdo considerado herege nos livros. O Index listava os livros proibidos e considerados hereges. Também devemos aos juristas, políticos e filósofos direitos humanos de liberdade de expressão e de pensamento. Pela Igreja, até hoje não teríamos a liberdade de pensamento. O único livro seria a Bíblia para o ler repetidas vezes (leia-se lavagem cerebral) sob pena da fogueira.



Existencialismo Metafísico

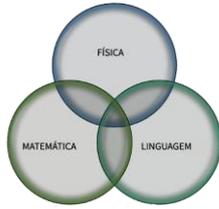
A Igreja apropriou da Bíblia e sua interpretação para atender interesses ideológicos. Escrita somente em latim até Lutero traduzi-la para o alemão. Ainda continuou rezada em latim até os anos 60, quando o Papa Paulo VI promulgou uma nova liturgia. O papa Ratzinger teve o descalabro de voltar com a liturgia antiga. Antes do 01 pedir pra sair, ele a exerceu de forma extraordinária.

A ideia da “palavra de deus” baseia na falácia de argumento de autoridade. A Bíblia, interpretada pelas autoridades eclesásticas, tem validade total e atropela todos outros argumentos racionais ou científicos. Não vale para a Igreja, então, técnicas de dedução, indução, lógica, história, classificação, experimentação, comparação, analogia, causa e efeito, estatísticas para chegar à verdade. A Igreja mantém seu poder como dono da “palavra de deus”. Sempre houve um monólogo religioso e não um diálogo quanto a Deus.

A Igreja nega a realidade, nega uma relação dialógica e não permite questionar sua autoridade e sua ideia sobre Deus. Numa democracia você ouve objeções, debate ideias, apresenta ideias contrárias e refuta outras, mas não é permitido pela Igreja ou pelas religiões. Religiosos descartam a lógica e utilizam apenas a retórica de sua autoridade. Isto implica emoções e valores ideológicos de forma escamoteada, revista de aparência lógica.

O argumento da autoridade não permite os fieis pensar por si. Pastores e padres vêm com ideia pronta, sem possibilidade de reflexão, e deixa os fieis sem vida própria. Linguisticamente as escrituras sagradas seriam resultado da codificação divina, decodificadas pelo interprete divino. Aos fieis, cabem passivamente aceitar a interpretação, sem reflexão e sem consciência. É um monólogo. Isto na contramão da sociolinguística que tem uma concepção de língua como interação social. A comunicação funciona como um diálogo, em que os envolvidos constroem o sentido do texto.

Em busca de ideologias por trás das falas, o pensador francês, Michel Pêcheux, propôs de um novo objeto de estudo chamado discurso. Na visão crítica, ideologia busca poder nas relações sociais. Todos têm um papel social, fruto do poder. A ideologia é velada e sutil, utiliza a linguagem para se sustentar e perpetuar no poder. Ele invoca o “entremeio” de ciências para o estudo do discurso, no caso, a Linguística, Psicanálise e do marxismo.



Existencialismo Metafísico

A princípio, Michel fez o estudo pensando na política. Mas este estudo também pode ser aplicado nas religiões, pois elas têm política e ideologia em suas entranhas. Em Linguística, adota-se o pensamento do estruturalismo, enfatiza o código na comunicação, no caso a Bíblia. Os sujeitos da comunicação, padres e pastores, são mecanizados pelo sistema, como meros decodificadores do texto sagrado.

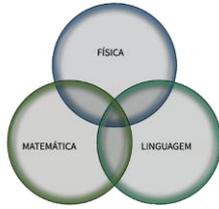
Análise do Discurso considera construções ideológicas presentes num texto ou fala dentro de um contexto histórico-social. Significa que o discurso não é um produto individual. O padre ou pastor reflete uma visão de mundo determinada pelo sistema eclesiástico. A interpretação da Bíblia implica um sistema religioso com determinada identidade religiosa, social e histórica.

Tal estudo dialoga com o marxismo, ao adotar o materialismo histórico de Karl Marx. Para ele, eram as condições materiais de vida numa sociedade que determinavam nosso pensamento e nossa consciência. Para Karl, tais condições eram decisivas também para evolução da história. As instituições políticas e religiosas, chamados de superestrutura, são reflexos da base materiais. As condições materiais de uma sociedade sustentam todos os pensamentos e ideias de uma sociedade. Marx dividi a sociedade em classes dominantes e classes dominadas. A luta de classes movem a história e sua evolução.

Agora, com um dedo em Freud, a Análise do Discurso adota a teoria do inconsciente da psicanálise e afirma que o discurso ideológico é produzido inconscientemente. Da mesma forma que existe uma ideologia por trás das classes sociais, também no discurso há uma ideologia por trás, ainda que inconscientemente.

A Análise do Discurso do Religioso, então, promove o encontro das três disciplinas. O texto sagrado supervalorizado relativiza o sujeito do discurso (Linguística), que advoga uma ideologia eclesiástica inconscientemente (Psicanálise), produto do materialismo histórico (marxismo).

As palavras são ideológicas, têm força e poder. Exemplos político e religioso: politicamente, a depender da ideologia de um jornalista, ele poderá titular sua reportagem “MST invade” (tom criminoso) ou “MST ocupa” (tom social). Pastores e padres chamarão a



Existencialismo Metafísico

Bíblia de sagrada, de palavra de Deus; um filósofo ou historiador a chamará de palavra dos homens. Aqueles têm necessidade profissional ou de poder sacralizar seu livro.

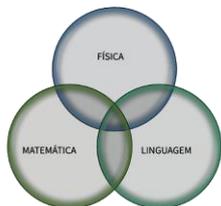
A ideologia utiliza recursos retóricos como as metáforas, hipérboles, ironias e os sentidos das palavras. Além destes recursos, a igreja utiliza também argumentos terroristas. Ela submete seus fiéis a um processo de culpa. O pecado original. Todos nascem pecadores e devem submeter a igreja. Uma teologia infantil da gênese bíblica culpa Eva, e as mulheres, do pecado original. Dogma inquestionável que os fiéis acatam sem o mínimo de reflexão. Como culpar alguém por erro de outro? Em Direito, toda pena é personalíssima, ou seja, na passa da pessoa do transgressor.

Os cidadãos aceitam passivamente o discurso religioso, sem debate ou questionamento. O senso comum sustenta inconscientemente as ideologias eclesiásticas. Eles acolhem o poder religioso como certo, natural e de aceitação geral. Quanto menos evidente a ideologia, mas eficaz ela é.

O discurso ideológico tem estratégias como a legitimação. Ela estabelece como legítima e justa as relações de poder, as assimetrias sociais: pobre e rico, governante e governado, clérigos e fiéis. A universalização diz ser benéficos para todos, como o slogan: Brasil, um país de todos ou o mito do paraíso religioso.

Fragmentação isolam infiéis e não partidários, apresentados como uma ameaça ou inimigo ao bem-estar geral. Ex. as elites de Lula e o inferno para os infiéis. Coisificação é a técnica para eternização do domínio. A ideologia oculta e obscurece as causas reais. A eternização do poder. Estas são algumas técnicas e falácias para legitimar a eternização do poder eclesiástico.

Outra crítica relevante contra a religião é a intolerância para com as outras religiões. A verdade para um crente, não o é para um não crente ou fiel de outra religião. Um sistema teológico exclui todos os outros. Logo as religiões são exclusivistas (deus e a verdade é só de cada uma delas) e imperialistas (devem buscar fiéis de outras religiões, alguns até com emprego de violência). Assim, nesta perspectiva, as religiões não são universalistas, pois em verdade são sectárias.



Existencialismo Metafísico

Alguns pensadores e teólogos vêm a Igreja como um grande engodo, mas também alguns creem na necessidade desta pseudoverdade chamada Igreja. Ela funciona como um conforto emocional e espiritual. Tipo placebo, funciona por que seus adeptos acreditam. O pensamento positivo coletivo, realmente, tem poder.

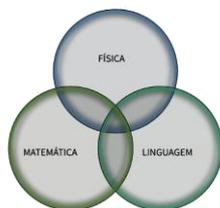
18 - Disposições Finais

As linguagens religiosas consideram seus textos sagrados, imutáveis e querem interpretação única produzida pelos seus clérigos. No entanto seus textos possuem fragmentos poéticos e mitológicos e provoca multiplicidade de interpretações e subjetividade. Até seus textos de aspectos legais e históricos também tem outras interpretações e gera a falta de credibilidade no conteúdo. A fé cega ajuda a ideologia da Igreja eternizar no poder.

Análise do Discurso considera construções ideológicas presentes num texto ou fala dentro de um contexto histórico-social. Significa que o discurso não é um produto individual. O padre ou pastor reflete uma visão de mundo determinada pelo sistema eclesiástico. A interpretação da Bíblia implica um sistema religioso com determinada identidade religiosa, social e histórica.

Para impor suas doutrinas, líderes religiosos não se importam com contradições, ambiguidades, clareza, mas querem normatizar e doutrinar o comportamento de seus fiéis. Padres e pastores, em seus alteres, asseveram que estão pregando a “palavra de Deus”. Apesar das palavras serem ditas por homens, a Igreja entende que tais palavras foram inspiradas por Deus. Tais palavras seriam, assim como o Absoluto, imutáveis, eternas, para todo o sempre.

O ato de pensar é o principal atributo do homem. Os dogmas ceifam este ato. Sem este atributo, o fundamentalismo e o terrorismo têm terreno fértil para expansão. Da mesma forma, o militarismo tira o ato de pensar e produz horrores. O argumento da autoridade não



Existencialismo Metafísico

permite os fieis pensar por si. Pastores e padres vêm com ideia pronta, sem possibilidade de reflexão, e deixa os fieis sem vida própria.

Aos fieis, cabem passivamente aceitar a interpretação, sem reflexão e sem consciência. É um monólogo. Mas a Sociolinguística, disciplina da Linguística, propõe uma concepção de língua como interação social. A comunicação funciona como um diálogo, em que os envolvidos constroem o sentido do texto.

Com uma visão crítica, fora estudado a linguagem religiosa comparada com outras várias linguagens. Também fora estudado os diversos textos religiosos e a análise do discurso religioso. A ideia é apresentar uma visão crítica ao leitor e, assim, ampliar a sua mente.

Relevante dizer que não se trata de uma obra acabada, pois será devidamente revisada quando necessário. Reescreveremos quantas vezes for necessária. Colegas e colaboradores podem ajudar na construção da mesma. Críticas boas ou ruins, religiosas ou gramaticais, filosóficas ou científicas, mas pertinentes e convincentes serão consideradas. Elas poderão ser enviadas aos endereços eletrônicos abaixo digitados.

Romildo Araújo Machado

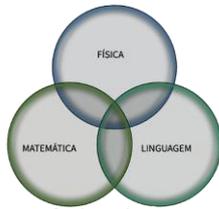
Delegado-Advogado

Endereços eletrônicos

machadofilosofo@hotmail.com

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



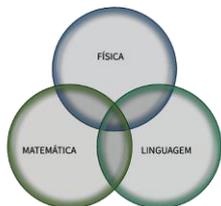
Existencialismo Metafísico

facebook/Romildo.Machado.583

19 - Síntese do Estudo das Letras

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafísico.com / existencialismometafísico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

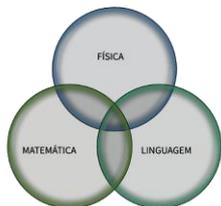
Letras é a denominação tradicional da área das Ciências da Linguagem. Compreende uma parte científica e outra artística, ou a Linguística e a Literatura respectivamente. Enquanto Linguística explora a linguagem denotativa, racional, do plano lógico da comunicação. A Literatura explora a linguagem conotativa, emotiva, do plano afetivo de efeito poético.

Em Linguística, a fala e a escrita são signos com os quais o homem comunica, pensa, produz cultura, identifica-se. Esta dimensão simbólica integra o homem a todos e a tudo. Semiótica, a ciência geral dos signos, estuda todos fenômenos de produção de significação e sentido. Muito ampla esta ciência examina fotografias, cinema, música, artes, gestos, entre outros. A Linguística separou da Semiótica ao definir seu objeto de estudo e método. É o estudo científico que descreve e explica a linguagem verbal humana.

A Ciência da Linguística surgiu no século passado com o professor suíço, Ferdinand de Saussure. Ele inovou nas ciências humanas com o estruturalismo. A organização da língua é um sistema, como ele dizia, ou uma estrutura, como dizia seus seguidores. Ele aplica a ideia filosófica de micro e macro, das partes e do todo na Linguística, ao dar valor a cada elemento da língua que relaciona com o todo. Ele compara a língua com o jogo de xadrez, em que cada peça tem seu valor de acordo com sua posição no jogo e não na sua aparência ou constituição. Fatores externos tanto ao jogo como a língua, não interessam ao xadrez nem a língua, como história, sociologia, psicologia.

O estruturalismo fez sucesso, várias ciências o adotaram (Antropologia, Psicologia, Matemática). Todavia entrou em declínio e hoje não é tão expressivo quanto foi no século passado. Criticavam a negação da história e suas generalizações em oposição à diversidade. Há ainda várias teorias e estudos linguísticos, como o gerativismo do linguista Noam Chomsky (usa a Matemática na sintaxe para gerar infinitas frases) e a Análise do Discurso (estuda a ideologia por trás de todo discurso) que merecem estudo maior, mas não cabem nesta síntese.

A Linguística estudava 4 níveis de análise: a fonologia (estudo das unidades sonoras); a morfologia (estudo das palavras); a sintaxe (estrutura das frases) e a semântica (significados). Nos anos 70, surge a linguística textual e acrescenta a análise do texto. Ela preocupou-se com fenômenos inexplicáveis pelas gramáticas das frases e estudou os fenômenos sintáticos-semânticos ocorrido entre enunciados. Tal análise transfrástica estuda a coesão e coerência.



Existencialismo Metafísico

Os linguistas diferenciam dos gramáticos: linguistas não caracterizam fatos linguísticos como certo ou errado, nem a partir da autoridade de escritores ou da tradição; classifica fatos como populares, cultos, regionais, literários. Um linguista observa fatos e tenta descrevê-los e explicá-los. Um gramático observa e organiza fatos linguísticos, mas com base na autoridade de escritores e certa tradição, construindo suas gramáticas a partir daí.

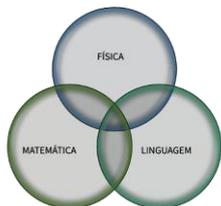
A Gramática resulta em o português-padrão, que, como toda norma, visa unificação do comportamento, visa um ideal. É um deve ser. Ele é artificial, adquirido, conservador, de tradição escrita, oficial, falado pelas classes dominantes. O português-não-padrão, como toda realidade, tem variações, transgressões. Ele é real, natural, transmitido, marginal, livre, falado pelas classes dominadas.

Na Literatura

A palavra tem carga emocional (seara da arte), semântica (campo da ciência) e de juízo (área da moral-crítica). Predomínio da emoção, temos a Arte. Predomínios dos conceitos, temos a Linguística e a Filosofia. A palavra não é exclusiva da Literatura, pois as ciências, as religiões e as filosofias também a empregam. Entretanto a Arte tem a visão centrada no sujeito, a ciência tem foco no objeto, em razão das doutrinas materialistas e mecanicistas.

A palavra é, de longe, o instrumento mais adequado de expressão do conhecimento do ser. O meio mais eficiente de comunicação. Isto torna a Literatura a Arte maior, pois a palavras consegue exprimir, significar tudo. Enquanto as outras artes (música, dança, arquitetura, escultura, pintura) só expressam de modo, parcial, fragmentado, imperfeito e necessitam das Letras para se explicarem. Vale dizer, as outras artes não são auto explicável como a Literatura. Desse ângulo, a arte universal não é música, mas a Literatura. A música pode ultrapassar fronteiras e emocionar, mas não expressa de modo preciso ideias, pensamentos, tragédias, angústias e sentimentos.

Cada artista com sua linguagem própria busca a arte síntese, a arte final. A síntese é preterida à análise, porque, com base na linguística do pensador Noam Chomsky e seu gerativismo (gramática com base na matemática), a catalogação das variações linguísticas, e



Existencialismo Metafísico

também das artes, das ciências, das filosofias e das religiões, seriam uma catalogação estéril, demasiada, quiçá infinita. Por isto tem-se que buscar o que é universal, dentro da diversidade.

Na Literatura o escritor inventa, cria um mundo que não existia antes de o texto ser escrito. Esse mundo pode assemelhar-se ao mundo real, mas não tem de corresponder exatamente a ele. No texto literário, o escritor procura alcançar mais expressividade deste mundo e ter literalidade: ficcionalidade, estrutura, linguagem conotativa, visão de mundo, expressividade.

A melhor classificação do gênero literário é: a prosa e poesia. Espécies da prosa: conto, novela e romance. Espécies da poesia: soneto, hino, ode, poema, poemeto, epopeia. Entretanto não há gêneros puros, espécies puras e nem formas puras. Deve-se fundamentar a crítica na predominância de fatores e não na exclusividade.

Poesia usa rimas, métricas, ritmos, sonoridade. Mas não tem sujeito, objeto, verbo, predicado, tempo e espaço. Todos são desconstruídos. A poesia não tem regras. O poeta dita suas regras. Ela é anti-histórica, anti-narrativa, antidescritiva. Por isto há várias tendências.

Romances, contos e a novelas são ficção. Romance apresenta características comuns com a novela: número ilimitado de personagens, liberdade de tempo e espaço, diálogo, narração, descrição e dissertação presentes, mas o romance tem maior extensão, enquanto a novela tem menor extensão, além de valorizar emoções fáceis. O conto é texto enxuto com final de impacto. As ações acontecem com personagens limitados em um espaço limitado e um tempo curto. Desfecho é essencial e sempre traz uma revelação.

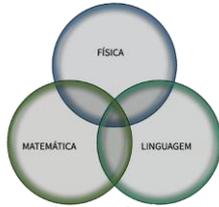
ANEXO I

Chapeuzinho Vermelho na Imprensa

JORNAL NACIONAL

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

(William Bonner): "Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem...".

(Fátima Bernardes): "... mas a atuação de um caçador evitou uma tragédia".

PROGRAMA DA HEBE

(Hebe Camargo): "... que gracinha gente. Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo, não é mesmo?"

BRASIL URGENTE

(Datena): "... onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? ! A menina ia para a casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público!

E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela!! Porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não."

REVISTA VEJA

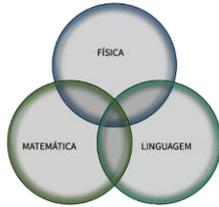
Lula sabia das intenções do lobo.

REVISTA CLÁUDIA

Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

REVISTA NOVA

Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama.



Existencialismo Metafísico

FOLHA DE S. PAULO

Legenda da foto: "Chapeuzinho, à direita, aperta a mão de seu salvador".

Na matéria, box com um zoólogo explicando os hábitos dos lobos e um imenso infográfico mostrando como Chapeuzinho foi devorada e depois salva pelo lenhador.

O ESTADO DE S. PAULO

Lobo que devorou Chapeuzinho seria filiado ao PT.

O GLOBO

Petrobrás apóia ONG do lenhador ligado ao PT que matou um lobo pra salvar menor de idade carente.

ZERO HORA

Avó de Chapeuzinho nasceu no RS.

AGORA

Sangue e tragédia na casa da vovó

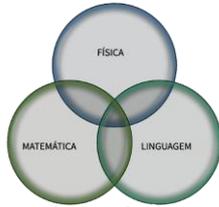
REVISTA CARAS

(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho na semana seguinte) Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: "Até ser devorada, eu não dava valor para muitas coisas da vida. Hoje sou outra pessoa"

PLAYBOY

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

(Ensaio fotográfico no mês seguinte) Veja o que só o lobo viu.

REVISTA ISTO É

Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

G MAGAZINE

(Ensaio fotográfico com lenhador) Lenhador mostra o machado

SUPER INTERESSANTE

Lobo mau! mito ou verdade ?

DISCOVERY CHANNEL

Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

BIBLIOGRAFIA

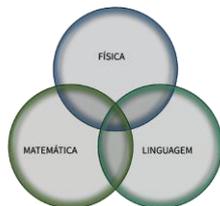
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6030: apresentação de ofício ou carta formato A-4: procedimento. Rio de Janeiro, 1980.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

A Era dos Reis Divinos. Time-Life Books. Consultores: T CMitchell e Richard L Zetter pela Mesopotâmia. Abril Livros. Roberto Civita.

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália - novela sociolinguística*. Editora Contexto. São Paulo. 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 19. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1974.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 29. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

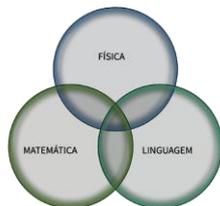
CHOMSKY, Noam. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. 2. ed. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1978.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade – 2 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.*

Escrever Melhor e Falar Melhor: Um Guia Completo. Editor da ed inglesa, John Ellison Kahn: redação e tradução da ed brasileira, Janderson de Souza. Rio de Janeiro: nReader's Digest, 2003.

FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. *Curso de Direito Constitucional*. 17.ed. São Paulo: Saraiva. 1989.

FILHO, Domício Proença. *A Linguagem Literária*. 7ª edição. São Paulo. Editora Ática. 2003.



Existencialismo Metafísico

GANCHO, Cândida Vilares. Como Analisar Narrativas. 1ª ed. São Paulo. Editora Ática. 2002.

JAKOBSON, Roman. Linguística. Poética. Cinema. Tradução Haroldo de Campos et alii. Editora Perspectiva. São Paulo. 1970

Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. Desvendando os Segredos do Texto – 4 ed – São Paulo: Cortez, 2005.

LAGE, Nilson. Estrutura da Notícia. São Paulo: Ática, 1985.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes Leite. O Foco Narrativo. 1ª ed. São Paulo. Editora Ática. 2001.

LINDLEY, Luís F. ; CUNHA, Celso Ferreira da. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

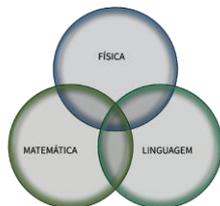
Manual de Redação da Presidência da República / Gilmar Ferreira Mendes e Nestor José Forster Júnior. – 2. ed. rev. e atual. – Brasília : Presidência da República, 2002.

Manual de Redação, Gramática e Estilo da Presidência do Tribunal Regional do Trabalho da 11ª Região. 2008.

MEIRELLES, Hely Lopes. Direito Administrativo Brasileiro. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

MELO, José Marques de. Normas de Redação de Cinco Jornais Brasileiros, 1972, USP

MOÍSES, Massaud. A Criação Literária: Poesia. 17ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 2003.

MOÍSES, Massaud. A Criação Literária: Prosa I. 19ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 2003.

MOÍSES, Massaud. A Criação Literária: Prosa II. 18ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 2003.

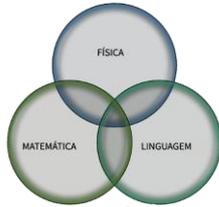
ORLANDI, Eni Pulcinelli. O Que É Linguística, Editora Brasiliense. 1ª edição, 2005.

POSSENTI, Sírio. Mal Comportadas Línguas. Curitiba: Criar Edições, 2000.

ROCHA, Luiz Carlos. Organização Policial Brasileira. 1ª ed. Editora Saraiva. São Paulo. 1991.

ROCHA, Luiz Carlos. Prática Policial. 2ª ed. Editora Saraiva. São Paulo. 1989.

ROSSI, Clovis. O que é Jornalismo. Editora Brasiliense. 4ª edição. 1984).



Existencialismo Metafísico

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. Técnica de Redação: o texto no jornalismo impresso. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

VANOYE, Francis. Usos da Linguagem: problemas e técnica na produção oral e escrita. 12 ed. São Paulo: Martins Fontes 2003.

Do Autor

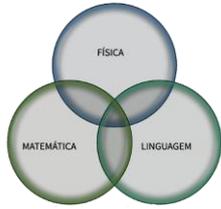
Formado em Direito pela UFU, pós-graduado, delegado de polícia aposentado e advogado.

Das Obras do Autor

- 1 - Polícia Real e Polícia Ideal: romance policial-filosófico;
- 2 - Ensaios, Crônicas, Contos, Etc e tal, de um Advogado: coletânea de artigos e outros do autor;
- 3 - O Inquérito Policial segundo as Letras – Diálogo entre as Letras e o Direito;
- 4 - Decálogo, Leis Humanas – Diálogo entre Direito e Teologia.
- 5 – O Processo Segundo as Letras
- 6 – O Discurso Religioso
- 7 – A Escrita Conscienciológica
- 8 – Teoria do Tudo, Via Metafísica
- 9 – Direito em Síntese
- 10 – O Delegado de Polícia e o Princípio da Insignificância

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

Em Inglês: Theory of Everything from Metaphysics

Em Espanhol: Teoría del Tudo vía Metafísica